

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

JULIA MONTEIRO MOREIRA ROSIELLO

FILMES INESQUECÍVEIS: VIVENDO COM A FINITUDE

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

JULIA MONTEIRO MOREIRA ROSIELLO

FILMES INESQUECÍVEIS
VIVENDO COM A FINITUDE

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em
Escrita Criativa.

Orientadora: Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

Porto Alegre

2023

JULIA MONTEIRO MOREIRA ROSIELLO

FILMES INESQUECÍVEIS
VIVENDO COM A FINITUDE

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em
Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

Profa. Dra. Aline Evers

Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno

Porto Alegre

2023

Para Raquel

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Luiza, por ter me criado sozinha, com tanta resiliência. Só hoje, mais velha, posso imaginar a dificuldade das batalhas que você enfrentou, embora você nunca tenha deixado transparecer. Se eu posso me formar, é porque você colocou seus sonhos em segundo plano para que eu pudesse viver os meus. Espero te orgulhar com este trabalho.

À Cássia, por me ajudar a entender tanto sobre a vida e sobre a morte. Por ter me estendido as mãos, tantas vezes, durante minhas crises. Nossas conversas me fizeram crescer muito. Você é maravilhosa e essencial, e sem o seu suporte nos últimos anos, este trabalho não existiria. Possivelmente, nem eu.

Ao Gui, pelo apoio, por segurar as pontas na casa enquanto eu enlouquecia com a faculdade e, simplesmente, por ser o amor da minha vida de forma tão óbvia. Desde que te conheci, soube que tudo que eu escrevesse dali pra frente levaria seu nome nos agradecimentos. Obrigada por me fazer voltar a cantar.

À Jana, pela orientação eficiente, gentil e cheia de empatia. Sei que você enxerga as pessoas de verdade, muito além do que os olhos podem enxergar. Foi por isso que te escolhi como orientadora.

Ao Renan e seu tarot, por me direcionar de um jeito tão lindo quando eu questioneei se a existência desse TCC seria mesmo uma boa ideia. Acho interessante que seu baralho tenha ajudado a moldar tanto das minhas escolhas, é um jeito divertido de viver.

Aos meus ausentes: vô Rubinho, vó Dirce, tio Carlos, Alfredo, Raquel, Capi (desculpa Gui, ela é um pouquinho minha também). Essa lista não é tão grande, e espero que não aumente tão cedo, mas a saudade é grande o bastante para compensar.

Aos meus outros presentes, além dos já citados: Pamy, Amanda, Lara, Gabriel, Marcelo, Leandro, Dani, Mari, Thata, Mima, David. Essa lista também não é tão grande, mas são vocês que me mostram, todos os dias, que mesmo diante da inevitável finitude, viver vale muito a pena.

Te sei. Em vida
Provei teu gosto.
Perda, partidas
Memória, pó

Com a boca viva provei
Teu gosto, teu sumo grosso.
Em vida, morte, te sei.
(Hilda Hilst)

RESUMO

Este trabalho é fruto de um sofrimento que perdurou por anos, e uma tentativa de encerrar um ciclo que esteve aberto durante muito tempo. Ele nasce da vontade de naturalizar a discussão sobre os temas da finitude humana e da morte, ainda tabus em nossa sociedade. O trabalho está dividido em duas partes: teórica e criativa. Na primeira, através de um ensaio pessoal, relato minha experiência acerca dessa finitude, vivenciada inicialmente a partir da perda de uma amiga próxima. Descrevo também a forma como a compreensão da morte me levou a alguns anos convivendo com a síndrome do pânico. Para embasar essa parte do trabalho, me utilizei dos estudos de teóricos como Edgar Morin (1970) e Philippe Ariès (1977), e o illustrei com trechos e citações de filmes variados. Ao final da parte teórica, trago uma análise da obra *Caderno de um ausente*, de João Anzanello Carrascoza (2014), e comento sobre como a leitura desse livro contribuiu para o meu entendimento do tema. Na parte criativa, apresento alguns trechos do meu romance epistolar *Flores de ferro*, ainda em desenvolvimento. Considero ser este romance o resultado de todas as vivências e dores que abordo no citado ensaio, enfim satisfatoriamente transfiguradas de caos para arte. Tal qual o ensaio, o romance aborda os temas da perda, da finitude humana e da contemplação da vida diante da morte.

Palavras-chave: Escrita criativa; Finitude; Morte; Romance Epistolar.

ABSTRACT

This work is the fruit of a suffering that lasted for years and an attempt at ending the cycle that has been ongoing for a very long time. It stems from the intent to engage in the discussion about themes of human finitude and death, which are still taboos in our society. The work is divided into two parts: theoretical and creative. In the first part, through a personal essay, I relay my experience about said finitude, initially lived due to the passing of a close friend. I also describe the way comprehending death had led me to a few years living with panic disorder. To base this part of the work, I drew from studies from theorists like Edgar Morin (1970) and Philippe Ariès (1977) and illustrated it with excerpts and quotations from various movies. At the end of the theoretical part, I present an essay about the work *Caderno de um ausente* from João Anzanello Carrascoza (2014) and comment on how reading his text contributed to my understanding of the theme. In the creative part, I present a few excerpts of my epistolary novel *Flores de ferro*, still in development. I consider this novel the outcome of all life experiences and pain I address in the mentioned essay, finally and satisfactorily transfigured from chaos to art. Much like the essay, the novel tackles themes of loss, human finitude, and contemplation of life facing death.

Keywords: Creative Writing; Finitude; Death; Epistolary Novel.

SUMÁRIO

1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	13
2 ENSAIO - FILMES INESQUECÍVEIS: VIVENDO COM A FINITUDE	16
2.1 UM ROTEIRO INTERESSANTE NÃO GARANTE UM BOM FILME	16
2.2 UMA ESPECTADORA INSUPORTÁVEL.....	18
2.3 O ATOR ESTRELINHA QUE NÃO PODE SER DEMITIDO.....	20
2.4 CLOSE EM UMA CASCA DE OVO	22
2.5 FINAIS ABERTOS NÃO SÃO TÃO RUINS	26
3 AMOSTRA CRIATIVA – FLORES DE FERRO	32
4 PÓS-CRÉDITOS.....	53
REFERÊNCIAS.....	54

1 PRÉ-PRODUÇÃO

Desde 2016, ano em que perdi uma amiga próxima, os temas da Morte e da finitude passaram a fazer parte dos meus pensamentos diários. Inicialmente, apenas considerações eventuais, contemplações rápidas que ainda podiam ser abanadas para longe como pequenas moscas, inconvenientes, porém, remediáveis. Mas, aos poucos, esses pensamentos se embrenharam em meu espírito como uma erva daninha que vai se alastrando devagarinho e, quando a gente percebe, já estamos completamente tomados por ela. A percepção da finitude é traiçoeira e enganosa, e eu só fui capaz de notar que ela estava me destruindo quando a erva daninha já me cobria dos pés à cabeça.

Entender e escapar da realidade da finitude é uma luta coletiva da humanidade — e ousar dizer, uma luta vã. Acredito que nunca haverá uma resposta satisfatória ou suficiente, ou a fuga que, enquanto seres vivos, biológicos, baseados no instinto de sobrevivência, tanto almejamos. Aceitar a finitude, entretanto, me parece a mais positiva das batalhas. Por isso, no ensaio que compõe a primeira parte desse trabalho, intitulado “Filmes inesquecíveis: vivendo com a finitude”, detalho os pormenores dessa batalha para mim, abordando como a compreensão da inevitabilidade da Morte me levou a conviver por alguns anos com a síndrome do pânico, e como enfim, consegui escapar desse calabouço mental. Para compor essa parte do trabalho, me baseei em estudos de teóricos como Edgar Morin (1970) e Philippe Ariès (1977), e ao final dela, trago considerações sobre o livro *Caderno de um ausente*, de João Anzanello Carrascoza (2014), uma obra epistolar que mergulha no tema da finitude.

O título que escolhi para meu ensaio e as referências cinematográficas nele presentes não foram decisões gratuitas — pois na segunda parte do trabalho, apresento trechos do meu romance, também epistolar, *Flores de ferro*. Nessa história, a trama é desenvolvida através de cartas, fragmentos de diários, excertos de matérias de jornais e outros textos que trazem insights sobre a protagonista, Luísa, sua vida e sua relação com outras pessoas. A maior parte do livro se dá através de cartas escritas por Luísa à sua melhor amiga, Isabela, que cometeu suicídio aos vinte e dois anos, pouco antes da formatura de ambas na faculdade. Na história, as duas amigas se conhecem desde os quinze anos, e após desenvolverem uma profunda amizade na escola, se mudam juntas para fazer faculdade no Rio Grande do Sul.

Luísa passa a vida inteira escrevendo à amiga morta, e suas cartas se dividem em três principais períodos, que denominei como “Manhã”, “Tarde” e “Noite”. O primeiro, logo após

o falecimento de Isabela, é o momento em que Luísa ainda está tentando absorver a perda que sofreu, e as cartas exprimem sua revolta, seu desalento e os diferentes estágios de seu luto. Nesse momento, em muitas cartas, Luísa abordará planos e desejos para o futuro, bem como medo por coisas que ainda não aconteceram — sua escrita carrega a imaturidade dos seus vinte e dois anos, e seu olhar é, principalmente, voltado para o porvir. No segundo período de escrita das cartas, “Tarde”, Luísa já tem 46 anos e é uma diretora de filmes vagamente reconhecida no Brasil. Neste ponto, a protagonista está mais focada no presente, sua escrita já está mais amadurecida, bem como seus sentimentos e sua visão sobre a vida. No terceiro e último período, “Noite”, Luísa é uma senhora de 77 anos. Suas cartas tornam-se mais serenas e contemplativas, carregadas de memórias e nostalgia. Nesse momento, Luísa pensa muito sobre o passado, e relembra a amiga através da escrita.

Durante o livro, as cartas mencionarão a produção cinematográfica que dá título à história. *Flores de ferro* é o maior projeto de Luísa, um filme cujo roteiro originalmente é concebido junto de Isabela, e cujo papel de protagonista estava prometido a ela, caso um dia as amigas conseguissem tirar o filme do papel e produzi-lo de fato.

Ao longo da história, Luísa escreve sobre e para a amiga — mas através de suas cartas, acompanhamos também seu desenvolvimento, suas dores, perdas, amores e conquistas. Para a parte criativa desse trabalho, apresentei uma seleção de cartas de cada um dos três períodos. Embora elas estejam organizadas na ordem em que estarão na versão final do livro, futuramente outras cartas e trechos serão inseridas entre as que escolhi apresentar aqui.

Neste trabalho, inspirada fortemente por *Caderno de um ausente*, busquei pensar a finitude, tanto em meu ensaio quanto em minha amostra criativa. Refletir sobre a Morte não é uma tarefa simples; falar sobre ela, também não. Para mim, que me considero uma pessoa reservada e introvertida, abordar um tema tão pessoal e delicado e expor minhas considerações a respeito à outras pessoas, é um desafio a mais. Porém, era o único tema possível para o meu TCC. Embora eu sinta vontade de abordar diferentes teorias literárias e tenha muitas ideias de histórias que gostaria de contar, de literatura fantástica à poesia infanto-juvenil, há anos me sinto travada demais para conseguir finalizar a escrita de qualquer uma delas. É como se, no fundo da minha cabeça, a história da Luísa e da Isabela gritasse para ser contada, e me impedisse de trabalhar com afinco em qualquer outro projeto. E, de certa maneira, a história delas é também, minha história.

Portanto, este trabalho é, acima de tudo, um expurgo. É a libertação da culpa, do medo, e das amarras mentais que me prenderam por tanto tempo. Um grito final de liberdade, um impulso incendiário de coragem para, enfim, queimar as ervas daninhas.

2 ENSAIO - FILMES INESQUECÍVEIS: VIVENDO COM A FINITUDE

2.1 UM ROTEIRO INTERESSANTE NÃO GARANTE UM BOM FILME

Em 2016, uma amiga muito próxima cometeu suicídio, e foi uma experiência bastante traumática. Se eu pudesse transfigurar a experiência para uma mídia, não teria sido trauma em uma só foto, quando me deparei com seu corpo sem vida, no ambiente esterilizado e frio de uma imagem que, embora permaneça para sempre fixa na lembrança, mantém em si o alívio do estático. Teria sido um longa-metragem de horror, *gore* e violência, com direito à mais sangue do que seria de bom tom nos filmes que abordam suicídio. Teria sido um *road movie* de ação, com viagens de táxi, conversas com estranhos e a busca por respostas em algum lugar desconhecido. Teria sido também um filme de drama, com seus gritos, lágrimas, promessas vazias de que tudo ficaria bem, e enfim, o *plot twist* já estabelecido como clichê: a mocinha morre no final.

Quando somos crianças e nossos pais estão com lágrimas nos olhos, e perguntamos onde está o vovô que não vemos há dias, eles respondem: está no céu. E tudo bem. Afinal, quem é que não gostaria de estar no céu?

A ideia de Morte parece algo inalcançável para as crianças, e nesse primeiro momento, não compreendendo a inevitabilidade de nossa finitude, pensamos ser capazes de evitá-la por completo. Essa ideia é confirmada por Edgar Morin (1970), em seu livro *O homem e a morte*, uma das obras que escolhi para embasar este ensaio. Nessa obra, um aprofundado estudo sobre a natureza do homem e sua relação com a finitude, Morin reflete sobre a compreensão gradual da Morte que experimentamos ao longo da vida, um entendimento que evolui ao longo do nosso desenvolvimento cognitivo. Ele observa que, inicialmente, as crianças podem enxergar a finitude de maneira simplista — como se fosse algo que pudéssemos evitar. Em suas palavras:

Um rapazinho resolve nunca se barbear, porque os velhos (que vão morrer) tem barba. E ele não terá barba, pois não se barbeará. Sem barba, não há velhice, não há morte. Um outro recusa-se a tocar nas flores que amanhã murcharão. Mais tarde virão os presságios em que o terror da morte tentará sondar o futuro: as aves que dão azar, os móveis que estalam, os números maléficos. E é no auge desse terror que aparecem, nas nossas sociedades, o catecismo e a promessa divina, que correspondem a promessa que os pais fazem: Tu não morrerás. (MORIN, 1970, p. 30)

Diante dessa proteção ilusória em relação à Morte, entendo que crescemos com a ideia de que ela é, de fato, céu, como se deitar na grama e observar as nuvens em um dia claro:

placidez, refúgio, descanso. Acreditamos que vovô está perfeitamente bem em seu novo lar, afinal, ele descansou em paz. Voltamos nosso olhar para problemas muito mais importantes da infância, como brigar com nosso irmão mais novo pelo controle da TV, pois ele resolveu que quer assistir a outra coisa, desrespeitando completamente a “hierarquia” implícita dos irmãos mais velhos. Propositamente, evitamos revisitar esse conceito infantil de Morte até que a vida nos obrigue a olhar para ele com mais cuidado.

Só em 2016, aos 24 anos, fui obrigada a olhar com mais cuidado para o tema e descobri que a Morte é palavra em maiúscula, muito mais terra do que céu. Não são nuvens em um dia claro, são flores em um buraco no chão. É a culpa corroendo os ossos. É a água corroendo os canos, desprendendo o cheiro forte de ferro que se parece tanto com o cheiro do sangue no teto. É vomitar na sarjeta ao sentir o cheiro dos canos e lembrar o cheiro de sangue, e não há nada mais terreno do que vômito. A Morte é o medo corroendo a mente: se a vida é assim tão fugaz, o que me impede ser a próxima?

Me considero privilegiada por ter não ter precisado lidar com a Morte tão cedo. É claro, perdi o vovô, mas na época morrer era um verbo qualquer, como dormir, comer e brincar. Morrer era algo que as pessoas velhas simplesmente faziam com naturalidade quando fosse o momento certo. Antes dele, perdi meu padrasto, que estava muito doente. Tudo bem, então são os velhos e os doentes que morrem. Ninguém mais que eu conhecesse estava velho nem doente. Então, tudo certo.

A Morte do vovô, do meu padrasto, de outros parentes idosos e distantes que não passavam de borrões sem expressão, em nada atrapalharam minha infância. Para mim, a infância é a escrita do roteiro da nossa vida. Que tipo de pessoa quero ser? O que eu quero fazer? É fácil desperdiçar os anos da juventude quando tudo que sabemos fazer é desperdiçá-los. Não temos motivo para guardá-los para depois. Para que se preocupar em escrever um roteiro impecável para a vida que seguirá após esses anos de despreocupação? Nunca fui de grande disciplina, então escrevi o meu sem muito capricho, mas estava bom o suficiente para todo mundo. Uma emocionante jornada, cheia de conquistas e reconhecimento. As pessoas leram meu roteiro e começaram a criar grandes expectativas sobre mim. Essa menina promete.

2.2 UMA ESPECTADORA INSUPORTÁVEL

Conforme nós crescemos, vêm o gradual entendimento de que a Morte é, de fato, inevitável para todos. Com essa compreensão, vêm o tabu — e eu, como qualquer outra pessoa, evitava até mesmo pensar sobre o assunto. Quando, por algum motivo, eu era obrigada a refletir sobre o tema, imaginava uma Morte distante, etérea. Me imaginava muito velhinha, deitada em uma cama, cercada por uma família de descendentes que eu nem sequer tenho. Imaginava morrer sorrindo, certa de que seria um até logo e não um adeus. Morrer de qualquer outra maneira era inadmissível, impossível — talvez uma Morte abrupta poderia ocorrer com outras pessoas, mas jamais comigo, eu sabia. Muitas vezes, era capaz de afastar esse assunto da minha mente simplesmente fantasiando que, quando eu estivesse muito velha ou doente (o que certamente levaria muitos e muitos anos para acontecer), a ciência já estaria avançada o suficiente para evitar a Morte por completo. Que sorte eu havia dado, pensava, por ter nascido em uma época em que intensos avanços tecnológicos seriam capazes de transformar os seres humanos em algo muito próximos de deuses. Pobres dos que nasceram antes de mim e não tiveram tempo para viver a imortalidade que o futuro reservava. E, com essas concepções infantis, a ideia da Morte pouco me atormentava. Descobri, também, que essas doces ficções que contei a mim mesma e a negação da minha própria finitude não eram tão originais — na verdade, era possivelmente o pensamento menos original que existe. Até mesmo Tolstói (2009, p.4), abordou o assunto na sua novela *A morte de Ivan Ilitch*, ao discorrer sobre a reação dos amigos da personagem que dá título à obra, ao receberem a notícia de sua Morte:

Além das considerações suscitadas em cada um por esta morte, sobre transferências e possíveis alterações no serviço, o próprio fato da morte de um conhecido tão próximo despertou como de costume, em cada um que teve dela conhecimento, um sentimento de alegria pelo fato de que morrera um outro e não ele. “Aí está, morreu; e eu não” – pensou ou sentiu cada um.

Imagino que existam poucas ideias em comum entre um grande gênio da literatura russa de dois séculos atrás e uma garota brasileira absolutamente mediana, mas esta parecia ser uma delas: a universal e implacável angústia perante a finitude.

Para a concepção deste ensaio, foi preciso desmembrar esse assunto, desfiá-lo por completo até entender por que costumamos evitar tanto falar sobre ele. Entender por que a ideia da Morte nos causa tanta repulsa e medo, ao menos à maioria de nós. Se a vida, para mim, era como um filme, eu queria olhar para o negativo dele. Encarar o feio, o sujo, o secreto, todos os mistérios que escapam ao espectador desatento.

Em *O homem diante da morte*, obra de Philippe Ariès (1977) que busca estudar a relação do ser humano com a Morte ao longo do tempo, o autor afirma que, em sociedades antigas, perdurava-se a ideia de que a Morte se anunciava, fenômeno que ele chama de “morte domada”. Dessa forma, o moribundo, padecendo em sua própria casa, tal qual Ivan Ilitch de Tolstói, tinha tempo para resignar-se diante do seu fim, se preparar para morrer e até mesmo conceder um resumo de sua vida, despedindo-se de seus entes queridos. A Morte repentina era considerada vergonhosa. Com o passar dos anos, porém, a relação das pessoas com a Morte foi se alterando. A medicina avançou e as pessoas passaram a morrer em hospitais ou casas de repouso, longe de seus familiares. Os ritos fúnebres tornaram-se terceirizados, e não realizados pela própria família. Aos poucos, a Morte passou a ser vista como o tabu que hoje conhecemos (ARIÈS, 1977).

A perda repentina da minha amiga para o suicídio, nem de longe anunciada, me forçou a olhar de frente para esse tabu e encarar a Morte pela primeira vez. Quando ela partiu, as páginas do meu roteiro se queimaram e as cinzas voaram pelos ares, sumindo instantaneamente do meu alcance. Nada nesse mundo havia me preparado para aquela situação. Que história é essa da vida não estar no meu controle? Como poderia uma garota de 23 anos estar aqui, e no momento seguinte, deixar de existir?

E foi assim que a Morte finalmente entrou na minha vida sem sua máscara infantil de céu. Uma espectadora insuportável, intrometida, insistente e chata. Antipática e grosseira, apareceu para me dar um choque de realidade e me informar que tudo que eu havia pensado sobre ela até então estivera errado. Ela me observava de longe, consultando o relógio de tempos em tempos, entediada, como se perguntasse: “E aí? Quando esse filme vai ficar interessante? Se não for melhorar, podemos ir embora”.

Descobrir que a Morte existe como de fato algo palpável e inesperado, destinada a qualquer um que esteja vivo (não somente aos velhos e doentes), é descobrir que ela está sempre por perto. É aprender a reconhecê-la nos sinais mais sutis: na dor de cabeça constante da dona do bar da esquina. No lamento do seu tio favorito, quando ele diz “eu nunca imaginei que ficar velho seria tão ruim”. No *emoji* preocupado que a melhor amiga de 20 e poucos anos do seu namorado envia, ao dizer que passou mal e foi até o hospital para ver o que é. No choro interminável da mãe da amiga do seu namorado, tentando barganhar com a Morte, pedindo que devolva sua filha de 20 e poucos anos. Mas a Morte não barganha, ela recolhe os bilhetes de todos os presentes e diz: “Fim da sessão! Obrigado por comparecerem e nos vemos na

próxima!”. Enquanto isso, só na sua cabeça, ela sussurra repetidamente: “E quanto ao seu filme? Se você tiver sorte, já estamos chegando na metade. Você acha que tem sido uma boa história?”.

2.3 O ATOR ESTRELINHA QUE NÃO PODE SER DEDITADO

Passei a temer a Morte, e de início, eu nem percebia. A coisa começou devagar. Desde que me entendia por gente, eu havia sido destemida e imprudente, cheia de uma inconsequência que beirava a completa burrice. De repente eu, que sempre fui desencanada em relação a tudo, começava a enxergar tragédias em qualquer aleatoriedade da vida. Os olhares tristes dos meus amigos em situações que os deixavam para baixo eram motivo de preocupação. E se eles decidissem acabar com a própria vida? A ausência das pessoas que eu amava me deixava angustiada, pois se eu não podia vê-las, não havia como ter certeza de que estavam bem. E assim, sorrateiro e impiedoso, se instalava o Trauma. De origem grega, a palavra significa “ferida” (RUDGE, 2009) e, mesmo quando não se trata de ferimentos físicos, a etimologia faz sentido. Trazendo para o campo psíquico, o Trauma representa a consequência dos acontecimentos que rompem com nossas formas habituais de funcionamento. Acontecimentos que modificam nosso entendimento sobre o mundo. (RUDGE, 2009)

Como aqueles filmes da sessão da tarde que nos marcam quando crianças e revisitamos na memória de tempos em tempos, não em sua totalidade, somente cenas dispersas, assim também opera o Trauma. Qualquer um que já tenha passado por uma situação traumática sabe que quase qualquer coisa pode ser o gatilho para uma lembrança. *Flashbacks* de um único momento, somente uma cena paralisante, se tornam comuns: é o trauma se fazendo presente, essa ferida interna e invisível, tão sutil que até esquecemos de sua existência. Até o momento em que ela se abre repentinamente, nos fazendo sangrar de novo.

Do casamento lúgubre entre o Trauma e a Morte, nasce um filho mais poderoso e cruel: o Pânico. Que sorte seria a nossa se o Pânico fosse como o da famosa franquias de terror dos anos 90, um homem mascarado com uma faca, facilmente vencido com um mínimo de estratégia. Na vida real, o pânico não pode espreitar-nos na rua, uma vez que está dentro de nós.

A primeira vez em que experienciei uma crise de Pânico cheguei à conclusão absoluta de que em nada se difere da experiência de Morte, essa, sim, sempre à espreita. A sensação é difícil de traduzir. O *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (2014, p. 208) define o Pânico como: “[...] um surto abrupto de medo intenso ou desconforto intenso que

alcança um pico em minutos”. Eu o defino como: a sensação física de sentir sua alma se desprendendo do corpo, enquanto o mundo escurece como um filtro de vinheta que aumenta progressivamente.

Quando vivi essa situação pela primeira vez, já haviam se passado vários anos desde 2016, mas foi o dia em que minha alma consumida pelo trauma enfim se estilhaçou. Pensei que de fato era a Morte.

Aconteceu em um dia em que eu estava sozinha em casa, me sentindo triste e solitária. Coloquei para tocar “Partilhar”, do Rubel (2018), música que amava e sempre me fazia sentir bem. Me deitei na cama na intenção de olhar para o teto e chorar, um passatempo sempre bem-vindo na época; mas, para minha surpresa, quando olhei para o teto, a imagem do mundo ao meu redor começou a escurecer. A música parecia estar sendo abafada, como se alguém houvesse jogado uma toalha molhada sobre uma caixa de som. Ouvi a voz do Rubel (2018) se distanciando, como um navio partindo: “Se for preciso eu crio alguma máquina, mais rápida que a dúvida, mais súbita que a lágrima [...]”. Antes de chegar no refrão, eu já não conseguia escutar mais nada. Senti meu coração acelerar como nunca havia acontecido, e me lembro de ter pensado: então isso é morrer. Não acredito que vou morrer de um jeito tão estúpido. Que raiva de mim.

(Ainda bem que não morri. Seria patético se meu último pensamento em vida fosse como boa parte da minha vida em si: autodesprezo. Agora tenho em mente que quando eu morrer, se for possível, vou me esforçar para pensar em algo bom sobre mim antes de partir.)

Eu estava até me conformando com a ideia morrer ali, naquele momento. Uma droga, mas fazer o quê? Não é como se a vida fosse tão incrível assim, afinal. Até então, nunca havia sido. Mas, entre a adrenalina súbita de achar que ia morrer e a necessidade primitiva de continuar existindo, me lembrei da minha mãe. Então mudei de ideia sobre simplesmente bater as botas. Achei que talvez, devesse lutar um pouquinho. Corri para minha vizinha de quintal. Invadi a casa dela gritando que ela precisava chamar a ambulância porque eu achava que estava infartando.

Eu não fazia ideia, até então, do que era a tal crise de Pânico. Quando as pessoas falavam sobre crises de Pânico, pensava que era um lapso de ansiedade, suor frio e aflição, como a gente fica antes de apresentar um trabalho para a turma, ou antes de encontrar pessoalmente com aquela pessoa que conhecemos pela internet. Mas não é assim tão simples. O Pânico é uma onda que te derruba na areia e te obriga a mergulhar sem que você tenha tido tempo de prender

a respiração. É o protagonista insuportável do seu filme, que rouba o papel que deveria ser seu. Aquele ator chato que vai requerer toda a atenção para si e que não pode ser demitido por questões de contrato. O filme é seu, mas você não tem o poder de mandá-lo embora.

Se para Morin (1970), após certa idade, até mesmo as crianças encaram a Morte com horror, a experiência do Pânico foi o levantar definitivo das cortinas para mim, o cair das máscaras e a tardia percepção de que a finitude é inevitável, e minhas fantasias infantis não seriam o suficiente para mudar essa realidade. Como uma ruptura definitiva da inocência, senti que o Pânico era a Morte, me fazendo cócegas e sussurrando em meu ouvido: Cuti cuti cuti? Achooooo!

Me mudei da casa, levando comigo esse transtorno que agora fazia parte de mim. A Morte, essa terra prometida distorcida, também me acompanhou. Eu pensava o tempo todo na minha infância, e em como minha vida não estava seguindo nada do roteiro que eu havia escrito. Aos 30 anos, me sentia com 100, arrependida de não ter feito minha existência nesse mundo valer a pena. Aparentemente, era tarde demais. Eu me volvei para mim, para a melancolia e para os arrependimentos. A vizinha que me amparara no fatídico dia não entendeu meu distanciamento. Nos meses seguintes, ela me mandou mensagens me convidando para visitá-la, tomar uma cerveja, ver os cachorros dela que eu tanto gostava. Rejeitei todos os convites.

Ela não manda mais mensagens.

Ainda não voltei a escutar “Partilhar”.

2.4 CLOSE EM UMA CASCA DE OVO

Existe um filme de terror muito interessante e não tão conhecido que se chama *Corrente do mal* (2014), do norte-americano David Robert Williams. Considero o título ruim e penso que inspira a ideia de um filme pior ainda, mas esses nomes ruins são escolhas comerciais a respeito da tradução do título. Esse filme em específico, originalmente leva o título de *It Follows*, que poderia ser traduzido livremente como “Ele segue”.

A história é sobre uma espécie de maldição que assola uma única pessoa, e pode ser transmitida à outra através do sexo, livrando assim, o primeiro amaldiçoado. A maldição consiste em uma entidade corpórea que passa a seguir essa pessoa amaldiçoada. Ela caminha normalmente na rua, como uma criatura qualquer vindo em sua direção. Inclusive, ela tem o

aspecto físico de uma pessoa qualquer. Mas, se ela alcançar o amaldiçoado, ele será morto de forma cruel.

Embora ande devagar, ela não para de seguir nunca. Se seu alvo pegar o carro e viajar para longe, ela continuará vindo atrás. E em algum momento, os caminhos se cruzarão.

Esse filme tem uma narrativa mais lenta e não há nenhum tipo de *jump scare*, os famosos e irritantes sustos de filmes de terror. Por esse motivo, a opinião do público costuma se dividir entre aqueles que o consideram um filme entediante e outros que apreciam o horror nas entrelinhas, a sensação desesperadora do terror perante o inevitável que o filme busca passar. Para cinéfilos, como o norte-americano Christopher John Lindsay (2017), escritor e dramaturgo que divide opiniões e críticas cinematográficas em seu *blog* pessoal, a criatura aterrorizante desse filme é uma alegoria para as doenças sexualmente transmissíveis. Mas, para mim, depois de ganhar novas perspectivas sobre a finitude, a entidade desse filme passou a representar simplesmente a Morte, e a forma como ela passou a me acompanhar.

O medo do fim estava presente em absolutamente todos os aspectos da minha vida. Tinha medo de comer e me engasgar com a comida, ou engolir justamente aquele pedaço de carne responsável por entupir minhas artérias e daí PÁ, infarto e Morte. Tinha medo de dormir e não acordar mais, e quando dormia, o sono não durava muito. Às vezes, já acordava gritando ou pulando da cama, em meio a uma nova crise. Antes mesmo de abrir os olhos, já sentia meu coração palpitando, acelerado. Precisei voltar para a minha cidade natal para ficar na casa da minha mãe e algumas vezes, precisei dormir ao lado dela na cama, pedindo para que ela segurasse minha mão. Era angustiante perceber o que minha vida havia se tornado, e constantemente chorava de desespero, me perguntando se algum dia eu conseguiria me sentir como eu mesma novamente. Ter uma vida normal, sem sentir o tempo todo que algo terrível aconteceria comigo ou com as pessoas que eu amava.

Pensava na minha amiga. Estava desesperada para viver, mas cogitei segui-la.

No século XVII, o duque François de La Rochefoucauld já afirmara que o Sol, tal como a Morte, não se deixa olhar fixamente (MORIN, 1970) e, embora a ciência e a astronomia muito já tenham estudado e desvendado o primeiro, nosso conhecimento permanece imensamente primitivo diante dos mistérios que acompanham a Morte. Eu, que por coincidência sempre preferi dias frios e nublados, concordei com a afirmação do duque, buscando absorver o sentido dela. A Morte castiga nossa sanidade, tal qual o Sol castiga nossos olhos. Mas, em determinado momento, percebi que, para mim, a Morte passou a se assemelhar mais ao período do sol poente

do que simplesmente o Sol em si. Durante o pôr do sol, a luz não brilha tão fortemente e já conseguimos olhar para ele, até apreciá-lo; porém, um ar de melancolia se lança sobre o horizonte enquanto o astro rei performa sua saída dramática de cena.

Quando a Morte resolveu reivindicar sua presença em minha vida, passei a olhar para ela com quem olha para o pôr do sol. Ela estava ali, se fazendo presente, avisando que, depois dela, a escuridão a tudo dominaria

Morin (1970) afirma que o terror da finitude vem, simplesmente, do medo de perder nossa individualidade. Ele chama de “sentimento traumático” a catastrófica sensação de ruptura com nós mesmos que a Morte apresenta. Embora a consciência sobre a Morte seja traumática em sua própria essência, quando a tratamos com respeito, como em um funeral de uma pessoa querida, estamos reconhecendo a importância da individualidade mesmo após a Morte, e flertando com a ideia de que algo de nós possa continuar existindo além do fim, mesmo que essa compreensão seja coberta por uma sensação vaga e misteriosa.

Muito antes de ter conhecido essa teoria e compreender a razão das tão universais crenças no pós-Morte, eu já entendia as religiões e as promessas do além vida como nada além disso: promessas. Uma esperança meio vã, um tanto insuficiente, que talvez, com muita sorte, se provaria correta. E eu nunca teria de fato essa resposta — ao menos de forma satisfatória e plena, que me permitisse viver o que resta da minha vida com tranquilidade. De pouco me serviria, nesta existência, caminhar em desconsolo pela vida para, somente ao fim dela, descobrir que o espírito perdura. Ora, que eu soubesse disso antes então, para que a antecipação pelo fim da vida não gerasse tanta angústia. É, não tinha jeito. O futuro me oferecia somente a escuridão, e todos os desconhecidos que nela se agarram.

Diante das incertezas, passei a abominar a chegada da noite. Todos meus sintomas eram mais fortes justamente à noite. Eu pensava em ambulâncias em meio às ruas vazias e escuras, corpos sem vida na terra gelada de cemitérios, e o fim — simples ausência de consciência, e com essas associações, por mais que fosse capaz de enxergar as estrelas no céu, nunca mais consegui de fato vê-las. Todos os dias, ao pôr do sol, eu tinha uma nova crise de Pânico. Minhas mãos suavam frio, meu coração acelerava sem razão, e minha mente perturbada não conseguia descanso — eu só dormia com os primeiros raios da manhã, quando meu corpo exausto enfim estava sem forças.

Um dos meus filmes favoritos é *Inquietos* (2011), de Gus Van Sant, uma singela história de amor entre um jovem enlutado e uma adolescente com câncer. Apesar do tema, não há espaço

para a Morte se fazer protagonista — ela aparece somente como um pano de fundo, uma previsão vaga para um futuro próximo. Esse filme traz uma citação interessante durante um momento de carinho entre as duas personagens principais: “Existe um pássaro que acha que morre sempre que o sol se põe. De manhã, ao acordar, ele fica chocado de ainda estar vivo, então, canta uma linda canção. Eu canto todas as manhãs desde que te conheci” (INQUIETOS, 2011).

Eu me sentia como esse pássaro, exceto que as manhãs, embora trouxessem algum alívio, não eram o suficiente para me fazer cantar. Eu sabia que o sentimento traumático estudado por Morin (1970) nunca mais me deixaria. Não era capaz de enxergar nada na minha vida que pudesse me dar forças o suficiente para superar o que havia acontecido com a minha própria cabeça.

Só me dei conta da gravidade da situação em que eu me encontrava uma determinada noite, quando me abaixei na cozinha para pegar um copo que eu derrubara. Vislumbrei à minha frente, embaixo da pia, meia casca de ovo quebrada. Mas o que realmente me chamou a atenção nela é que havia uma grande teia de aranha em seu interior.

Embora estivesse há muito tempo lutando internamente contra as amarras do meu Pânico, só nesse momento me dei conta do quanto estivera entorpecida, existindo como um fantasma; sem forças até mesmo para varrer a cozinha de vez em quando. Fiquei um bom tempo olhando para a casca do ovo, como se estivesse paralisada, mas minha cabeça estava a mil. Percebi que afinal, não havia nada de tão importante assim sobre minha existência. Me senti mais uma criatura entre tantas outras bilhões, e isso, de certa forma, me consolou. Minha vida não valia mais do que outras e eu, como qualquer outro ser vivo nesta terra, só tinha duas escolhas: vida ou Morte. Desistir de viver ativamente e esperar pacientemente pelo fim não tornaria a espera mais tranquila, nem menos dolorosa. Eu sabia o que me aguardava na conclusão do filme, e compreendi que talvez, diante da minha insignificância perante tudo o que existe, eu não precisava ter a vida mais extraordinária que já passou por essa Terra. Eu não precisava salvar o mundo, descobrir a cura do câncer, nem mesmo me encaixar nas expectativas das outras pessoas — mas precisava começar a contar uma história que valesse a pena. Sabia que meus sonhos ainda existiam dentro de mim, adormecidos. Eu tinha ideias martelando na minha cabeça para serem escritas. Tinha pessoas que me amavam e o desejo de construir uma vida perto delas. Eu tinha saudades de viver.

Em um lapso de coragem, comecei a fazer terapia nesse período. Também me envolvi com meditações e visitei um psiquiatra para tomar medicação, e enfim conseguia ver alguma melhora. Com o passar dos meses, as graves crises sumiram. Obrigada, drogas! Agora o pânico era apenas uma doença, com “p” minúsculo de fato, algo que poderia ser tratado e um dia, quem sabe, curado. Mas nem toda a química do mundo poderia me fazer esquecer o que eu havia aprendido: a Morte está em todo lugar, mesmo que nós sejamos cegos a ela. Mesmo quando já a conhecemos, quando ela já nos traumatizou pela ausência de nossos entes queridos que se foram, mesmo cientes da nossa própria finitude, permanecemos cegos, ainda fingindo que não estamos fadados a esse mesmo destino. Nos ocupar de nossas atividades rotineiras é o escape perfeito da consciência, que afasta tudo o que não for o presente (MORIN, 1970).

O medo do fim, da perda da individualidade, considerada por Morin (1970) como universal a todos os seres humanos, da criança ao idoso, é a explicação que o autor encontra para afirmar que, para nós, a morte de uma pessoa querida é mais dolorosa do que a de mil estranhos. Quanto mais a pessoa que se foi é insubstituível para nós, mas sua perda se faz violenta. E o que poderia ser mais violento do que a perda de nós mesmos? Qual presença é mais insubstituível do que a nossa própria?

Faz sentido que a mente humana não seja feita para nos lembrar de nossa finitude o tempo todo, ou seríamos completamente improdutivos. É confortável esquecer que existe o acaso e acreditar que uma força maior está nos protegendo. Não é natural pensar o tempo inteiro na Morte, e no fato de que ela pode sim, estar próxima. Mas eu penso. Para mim, é como se uma fissura tivesse danificado a partezinha específica do meu cérebro que diz ao resto do meu corpo que eu não deveria pensar sobre isso o tempo todo.

Para mim, a Morte ainda é como a entidade de *Corrente do Mal*. Eu posso me afastar, correr para longe o suficiente para que eu ganhe algumas horas ou até alguns dias de descanso. Mas isso não significa que ela não estará lá, sempre me seguindo.

2.5 FINAIS ABERTOS NÃO SÃO TÃO RUINS

Eu sempre fui uma pessoa otimista. Copo meio cheio. Portanto, seria injusto da minha parte não tentar extrair alguma mínima vantagem em conviver com a realidade crua da finitude.

Primeiramente, aprendi a lidar com as crises de pânico, quando finalmente passei a tratar suas raízes. Além disso, não posso ter uma crise de pânico pela primeira vez novamente. Qualquer um está sujeito a ter uma crise de pânico aleatoriamente, e a primeira vez é a pior de todas. Minha última crise aconteceu há mais ou menos três semanas, depois de muitos meses sem ocorrências. Dessa vez, foi na lancheria da faculdade, e durou não mais que uns trinta segundos. Eu já sei lidar com ela, sei o que preciso fazer. O “p” nunca mais será maiúsculo. Quanto senti a conhecida sensação do meu espírito se desprendendo do corpo, pensei “opa!”, guardei minhas coisas na mochila e fui me sentar do lado de fora, onde pudesse ver o sol. Respirei fundo e liguei para minha mãe, só para papear sobre qualquer assunto. Ela ficou feliz com a ligação inesperada.

Deixei que a onda de pânico passasse por mim como um vento forte que bagunça os cabelos e depois vai embora, sem deixar nada para trás além de uma bagunça na nossa cabeça e uma sensação gelada nas bochechas. Esse filho atroz não me aterroriza mais. A mãe, a Morte, essa sim inevitável, se recosta contra uma árvore, me observando de longe, e acena com a cabeça em contida aprovação: “Muito bem, você está aprendendo”.

Boa parte da aceitação da finitude, para mim, veio com o entendimento de que não estou sozinha na minha angústia. Mas livros teóricos como os de Morin (1970) e Ariès (1977), embora esclarecedores, não trazem o alívio que, enquanto seres efêmeros, tanto almejamos na compreensão da Morte. Eu me senti melhor somente quando passei a conversar ativamente com as pessoas sobre esse tema, ao invés de evitá-lo. Abrir os olhos para a realidade e rejeitar os tabus me pareceu a única saída desse ciclo de ansiedade e pânico em que eu me encontrava – e isso só seria possível se eu encarasse meus medos de frente, me obrigando a sair de uma posição de negação. Assistindo a filmes sobre o assunto, lendo livros que tratassem do tema.

Um desses livros foi *Caderno de um ausente*, de João Anzanello Carrascoza (2014), publicado originalmente pela editora Cosac Naify. Posteriormente, esse livro tornou-se a primeira parte da *Trilogia do adeus*, obra composta também por *Menina escrevendo com o pai* (de 2017) e *A pele da terra* (de 2017). A trilogia é uma obra de ficção e aborda temas relacionados à família, memória, identidade e relações humanas. Em 2015, o primeiro deles, *Caderno de um ausente*, foi premiado com o 2º lugar da categoria “Romance” no prêmio Jabuti, uma das mais tradicionais premiações literárias no Brasil. Esse fato me deixou curiosa para conhecer a obra que venceu em primeiro lugar, pois eu não consigo imaginar um livro que possa superar *Caderno de um ausente*, em qualquer aspecto.

Nessa história, João, um homem na casa dos seus 60 anos, acabou de tornar-se pai de uma menina, Beatriz. Ciente de sua finitude e da diferença de idade entre ele e a filha que promove sua inevitável ausência na vida da menina, ele passa a registrar seus pensamentos para ela, tecendo reflexões sobre a vida, a família e a própria finitude. Não se trata de um diário, e sim um caderno no qual o protagonista escreve quando sente que gostaria de compartilhar algo para a filha ler posteriormente. A escrita do protagonista é carregada de poesia, e entre as páginas ele costura, aos pouquinhos, suas observações a respeito da finitude, entrelaçando os pensamentos até que seu caderno se torne como um grande tecido da vida e da Morte, mas quando o imagino, não se assemelha a uma mortalha, e sim a um tecido leve e etéreo, algo entre pano e luz. Escreve a personagem: “Eu ia te contar o segredo do universo como quem sussurra uma canção de ninar, mas eu não posso, filha, eu só posso te garantir, agora que chegaste, a certeza da despedida” (CARRASCOZA, 2014, p. 37).

João inicia o caderno contando para a filha, que ele não estará presente na maior parte da vida dela, não porque não gostaria de estar, e sim por ser um homem que, ainda que em boa saúde, está em idade avançada. Já na sua primeira carta à filha, ele registra:

Acabas de nascer e eu tenho de te explicar, como se já pudesses entender, e da mesma forma, estou dizendo a mim, que não vamos passar muito tempo juntos, que deves te preparar para viver mais longe de mim do que perto – eu farei parte, para sempre só do início de tua história; não há outro jeito, mesmo com a maior das esperanças, de te ver crescer como vi o teu irmão e continuarei a vê-lo até se tornar adulto, [...] Mas tu, não. Vens com esta marca de minha ausência, a envolver inteiramente a tua vida, [...] (CARRASCOZA, 2014, p. 10)

Pai também de Mateus, um garoto de 15 anos, fruto de seu primeiro casamento, João tem ciência de que a oportunidade que teve de ver o menino crescer e ensinar a ele tudo que conhece sobre a vida, não se repetirá com sua segunda filha. O caderno, nesse ponto, serve como uma espécie de guia, no qual João mantém seus apontamentos sobre a vida e a Morte, e repassa à filha pequenas joias de sabedoria, pensamentos que ele não terá a oportunidade de compartilhar em vida. Mesmo sendo Beatriz somente um bebê, João deixa claro em seus registros à filha que ela já nasce condenada, simplesmente por estar entrando em um mundo no qual a tristeza e a dor são inevitáveis. Nas palavras do pai: “[...] ainda que tenhamos amor por ti, não é um amor grande o suficiente para ter te deixado só no sonho” (CARRASCOZA, 2014, p. 20).

João transforma a separação certa entre os dois em algo natural e poético — não um pesar para ser remoído ao longo da vida da filha, mas para ser reconhecido como uma dor inevitável,

inerente à sua existência, pois a própria vida é permeada por dor. Diz ele: “[...] vais descobrir por ti mesma que este é um mundo de expiação, embora haja ocasionalmente umas alegrias, não há como negar — as verdadeiras vêm travestidas, é preciso abrir os olhos dos teus olhos pra percebê-las” (CARRASCOZA, 2014, p. 10).

Se em *O homem e a morte*, Morin (1970) aborda a visão infantil da criança, que em um primeiro momento não compreende a inevitabilidade da Morte, Carrascoza (2014) escreve em determinado trecho sobre a primeira vez em que João, seu protagonista, vivenciou a compreensão da finitude, ao relembrar uma noite vivida com a irmã, ainda na infância. Diz a personagem:

[...] e eu lembro quando éramos crianças, dividíamos eu e ela o mesmo quarto, e, uma noite, o silêncio tão sufocante, de repente, me assustei, *Marisa, tô ouvindo o meu coração!*, e ela, *É assim mesmo, tenta dormir!*, e eu, *Mas tá batendo muito forte!*, *Não é nada, é só o silêncio, Marisa, e se eu parar de ouvir o meu coração?* e ela, *Isso não vai acontecer*, e eu, *Não? Tem certeza, Marisa?*, *Tenho, agora, vê se dorme!* (CARRASCOZA, 2014, p. 68, grifos do autor)

Além de Marisa, tia de Beatriz, ao longo do caderno, João apresenta à filha outros membros da sua família através de fotografias que encontra remexendo em uma caixa. Algumas pessoas que já se foram, como seus pais, são descritas por João através de suas características mais únicas, porém sutis, percebidas somente por aqueles que levam o olhar poético do protagonista. Ele cita seu pai, André, como um homem da fala, que gostava de decantar as palavras. Cita sua mãe, Luíza, como uma mulher carente de contato humano, talvez por ter gerado poucos filhos em uma época em que as famílias eram grandes (CARRASCOZA, 2014, p. 42). João também menciona sua avó, Sara, de idade avançada, com quem ele aprendeu a perceber os sinais da Morte: “[...] a tua bisavó Sara escrevia nas folhas do silêncio, *estou indo em paz*, a tua bisavó Sara me dizia com aqueles olhos mouros, não se preocupe, *a vida te prepara para morrer*” (CARRASCOZA, 2014, p. 44, grifos do autor).

Ao falar sobre as pessoas de sua família e sua própria experiência na infância diante do medo da Morte, João costura diferentes percepções que a finitude nos gera ao longo da vida; desde o medo infantil ao ouvir o próprio coração batendo e se angustiar com a possibilidade de ele parar, até a resignação da velhice, quase um anseio pelo descanso. No trecho abaixo, João aborda as diversas e extraordinárias possibilidades que a vida apresenta:

[...]e se dos dedos de uma pintora floresceu um abaporu, e se numa tela móvel irromperam formigas e um cão andaluz, e se campos e ramos e rosas pariram

territórios imaginários, tu podes amanhecer tristeza, entardecer esperança e anoitecer sol. (CARRASCOZA, 2014, p. 82)

Esse trecho trouxe para mim novamente a relação entre a Morte e o Sol, descrita por La Rochefoucauld, bem como minhas próprias associações entre o fim do dia e o fim da vida, mas agora, distorcidas. Ler e reler *Caderno de um ausente* me fez perceber que não necessariamente a Morte será vista como uma angústia até os últimos dias da minha vida. É possível que a maturidade e o tempo, que a tudo transformam, também me façam compreender um dia que a inevitabilidade da finitude não é um pesar, e sim uma oportunidade de trazer beleza e significado a todos os momentos em que estou viva. E, retornando aos inesquecíveis filmes que, ousou afirmar, moldam muito do meu caráter e boas lembranças, em *Troia* (2004), de Wolfgang Petersen, o guerreiro grego Aquiles afirma o seguinte: “Os deuses nos invejam. Eles nos invejam porque somos mortais, porque qualquer momento pode ser o nosso último. Tudo é mais bonito porque estamos condenados”.

João, o protagonista de *Caderno de um ausente*, é um homem que constantemente reflete o próprio fim. Mas ao contrário da maioria de nós e tal qual o Aquiles de Wolfgang Petersen, ele não permite que o adeus inevitável ou o pouco tempo remanescente de vida tirem a beleza de estar vivo ali, naquele momento, “[...] porque mesmo o dilaceramento do quase nada é melhor do que o nada” (CARRASCOZA, 2014, p 74).

A meu ver, a partir do momento em que absorvemos a ideia de finitude como um processo natural, ela se torna mais simples de ser digerida. Assim como esse pai de *Caderno de um ausente* registra, a vida é permeada por ausências, mas a presença de todos que já cruzaram nosso caminho também deixa suas marcas, como ele explica enquanto discorre para uma Beatriz bebê sobre seus parentes que já se foram. A individualidade de cada um é o que torna a presença, mesmo que efêmera, uma marca permanente no tempo e espaço, que irá reverberar enquanto lembrada por aqueles que foram tocados por ela. *Caderno de um ausente*, sem precisar afirmá-lo categoricamente, deixou claro para mim: Somos moldados por nossas vivências, nossos traumas e dores certamente, mas também pelas pessoas que cruzam nosso caminho.

A leitura desse livro foi o estalo final que eu precisava para decidir como eu poderia contar ao mundo a história que abriu as portas da Morte para mim, que apresento na amostra criativa deste trabalho. A história da minha amiga que se foi em 2016, transfigurada em uma ficção entremeada pela verdade. A visão de plenitude e resignação perante a finitude abordada

por Carrascoza me fez compreender que meu romance não precisaria ser focado somente no trauma, na dor e no pânico, nem mesmo na Morte. Havia ali uma forma de registrar para sempre a presença da minha amiga, ainda que efêmera, em palavras. E eu queria que esse registro fosse uma homenagem, e não um elogio fúnebre.

No início de 2023, eu e meu namorado decidimos morar juntos. Me mudei para o apartamento dele em uma cidade próxima, então passamos o dia desmontando móveis, faxinando minha casa antiga e arrumando malas. Quando pegamos um carro até o apartamento, estávamos ambos exaustos. Ele dormiu rapidamente; eu fiquei escutando música, como gosto de fazer na estrada, e isso me colocou em um estado de contemplação e me fez refletir sobre toda minha caminhada até aquele dia, minhas perdas e esperanças. Então me dei conta: morar com ele era um dos meus grandes sonhos adormecidos, daqueles que eu pensei que nunca mais veriam a luz do dia. E aquilo estava se tornando realidade, mesmo com todos os percalços no caminho; mesmo com a Morte bufando tão próxima do meu pescoço por tantos anos.

Olhei para o meu namorado dormindo tranquilo, sua respiração criando manchinhas no vidro do carro. A noite caía devagar ao lado dele, as primeiras estrelas começando a aparecer timidamente no céu. Os últimos raios avermelhados do sol acariciaram minhas bochechas como um afago, e senti meu coração se preencher de felicidade e esperança. Com a música em meus ouvidos, tive vontade de cantar. Naquele momento, a finitude não importava mais.

O pôr do sol enfim era belo outra vez.

3 AMOSTRA CRIATIVA – FLORES DE FERRO

Manhã

Pelotas, 15 de agosto de 2016.

Bel,

Você se foi há 3 dias. Ontem eu fiquei a tarde inteira de janelas fechadas, mas ouvi a dona Mirta passando pelo corredor várias vezes. Ouvi o arrastar do rodo e o barulho de peso morto que o pano molhado faz ao ser jogado no chão. De novo e de novo. Ela limpou o seu quarto ontem, e fez isso sozinha. Isso foi muito escroto da sua parte, Bel. Quem você achou que iria limpar aquilo? Eu pensei em me oferecer pra ajudar, mas ainda nem sei o que pensar sobre tudo isso. E se quer saber, a lembrança do cheiro não sai da minha cabeça. Acho que iria vomitar se tentasse.

Dona Mirta bateu à porta do meu quarto no início da noite. Eu abri, toda descabelada, vagamente ciente de que não havia tomado banho ainda. Olhei pra cara dela. Ela não parecia se incomodar com o meu desleixo. Acho que nenhuma de nós duas sabíamos o que dizer. O Bob estava com ela também, e saltitava diante de mim, me farejando, provavelmente emocionado por enfim ver a porta de um dos quartos se abrindo de novo. "Eu queria te mostrar uma coisa", disse ela.

Não foi uma frase que eu gostei de ouvir. Da última vez em que ela disse isso, precisei encarar seu quarto imundo de sangue. Fiquei esperando-a mostrar, mas senti que ela queria fazer daquilo um momento um pouco mais importante do que trocar meia dúzia de palavras na porta do meu quarto, enquanto eu estava descalça e com o cabelo igual ao do Sid Vicious, morrendo de vontade de fechar a porta na cara dela. Murmurei um "tá, já te encontro na cozinha" e voltei pra dentro. Troquei de roupa, prendi meus cabelos em um coque malfeito e esfreguei um pouco os olhos. Quando cheguei na cozinha ela estava passando um café, olhando apreensiva por cima dos ombros. Assim que cheguei, começou a virar a água no coador como se estivesse muito ocupada e mal notasse minha presença.

"Sente aí, filha. Quer um café?"

“Ahã...” eu concordei, desconfiada, acariciando vagamente a cabeça do Bóris. Ela pareceu captar minha impaciência e abandonou a falsa apatia. Me entregou uma caneca de água quente (ela se esqueceu de colocar café no coador) e se sentou na cadeira ao meu lado. Tirou uma folha de caderno do bolso como quem tira uma bomba. Olhou à volta. Vi suas mãos tremendo.

“Dá uma olhada nisso aqui.”

Peguei o papel. Era um bilhete escrito aos garranchos. Reconheci sua letra, Bel, nas voltas do a’s e nos cortes do t’s. Eu não sei por que pensei nisso, mas imediatamente imaginei que você havia escrito aquilo chorando.

Eu não sou jogada no mundo

Tenho pai

Tenho mãe

Tenho família e amigos

São pessoas que me amam

Eles sabem que estou aqui

Estou aqui

Fiquei um tempão encarando o bilhete sem falar nada.

“Então?”

“Então o quê?”

“Eu não sei o que eu faço com isso. Devo entregar pros pais dela?”

“Onde você encontrou isso?” É, Bel, eu evitei propositalmente a pergunta enquanto tentava raciocinar. Não entendia se aquilo era um pedido de ajuda ou um adeus. Talvez apenas um desabafo, embora soasse um pouco como uma ameaça.

“No chão do quarto. Achei que era um bilhete de despedida.”

“Não é”, concluí taxativamente, como se eu soubesse de alguma coisa.

“Eu não sei o que eu faço com isso”, repetiu dona Mirta, e ela parecia meio desesperada. Encarava o bilhete como se ele fosse criar caninos e mordê-la. Eu via sua agonia começando a se manifestar nos olhos. Não estava preparada para lidar com mais lágrimas, e tentei pensar depressa. Me imaginei mãe. Me imaginei recebendo aquele bilhete. Me imaginei enxergando no bilhete um pedido de socorro, um aviso, e imaginei minha culpa me consumindo o resto da minha vida, não somente pelos caminhos criados pela minha cabeça, e sim através daquele decreto escrito. Eu podia ter feito algo. Depois, pensei na dona do pensionato, e no interminável inquérito, em uma possível investigação em cima da sua vidinha simples e até então, sossegada. Por Deus! Tudo que ela queria era uma hóspede...

“Jogue fora”, eu disse a ela, decidida a não imaginar mais nada. “Não vai fazer bem nenhum pra ninguém.”

“É, acho que talvez seja melhor...” dona Mirta respondeu como se hesitasse, mas suas mãos rasgavam rapidamente o bilhete na minha frente, alguns pedacinhos menores voando pelos ares. Suas prováveis últimas palavras caíram direto na boca do Bob, que abanava o rabo, feliz.

Lu

Pelotas, 19 de setembro de 2016.

Bel,

Às vezes sinto que o Victor vai terminar comigo. Ele não tem sido o mesmo desde que você morreu – a gente não tem sido a mesma coisa. É como se existisse essa parede invisível entre nós. Eu sei que ele quer falar sobre você, sinto o tempo todo que ele precisa, sei lá, gritar e socar a parede, mas sempre que eu abordo o tema, ele se fecha como se estivesse em um casulo. Acho que ele não consegue falar. Sugeri que começasse uma terapia, disse que é algo que tem me ajudado bastante. Ele disse que tem dúvidas em relação a isso, já que estou escrevendo cartas para uma morta. Eu fiquei muito puta, imbecil desgraçado babaca. Talvez eu é que termine com ele, quero mais é que ele se foda. Burro.

Lu

Pelotas, 27 de setembro de 2016.

Bel,

Você não vai acreditar no que eu fiz. Marquei uma consulta com aquela mulher que lê as cartas, que você vivia me recomendando. Fui meio apreensiva, é claro — você sabe muito bem que eu não acredito nessas coisas de misticismo. Mas em nome da sua memória, resolvi dar uma chance. Se você gostava tanto dela, algo especial tinha aí.

Bem, você nunca me avisou o quanto ela era... normal. E já me imaginava batendo suavemente com o nó dos dedos em uma cabana isolada no meio do mato, rodeada por flores, com uma bateadeira de manteiga antiga diante na porta. Mas toquei a campainha de um apartamentinho na avenida principal, e fui recebida em uma sala ampla e clara. Onde eu esperava ver ervas secas penduradas, havia um Cristo com os braços abertos, me espiando por cima da cabeça pendida. Sério, Bel, cristã? Ela percebeu minha surpresa, riu e disse que era fã de Jesus, mas que seu marido era mais, por isso havia uma cruz sobre o rack na sala. Marido, Bel. Por que você dizia que ela era “literalmente, uma bruxa”? Por que me fez pensar que ela era uma velhinha solitária, vivendo à mingua entre as plantas e os animais silvestres?

Ela me ofereceu um chá que eu aceitei, um pouco menos apreensiva. Nos sentamos no sofá fofo como duas senhorinhas prontas para fofocar. (Ela é nova, Bel. Por que será que, quando você falava sobre ela, eu imaginava uma mulher de quase cem anos?) Ali, ela me explicou um pouco sobre as cartas que jogava, falou do tarô, sobre as preocupações que eu tinha e nem havia verbalizado, sobre os preconceitos que rodeiam esse trabalho, e eu me senti um pouco culpada, então fiquei bebericando meu chazinho e descobri que odeio camomila. Depois, começou a perguntar sobre mim e me fez sentir em uma sessão de terapia. Eu contei que havia recém terminado a faculdade de cinema e ela disse que combinava muito comigo, que tenho cara de ser muito criativa, e que não precisava olhar nas cartas para saber que eu faria muito sucesso. Isso me deixou tão feliz, Bel... você nem imagina. Essas palavras repentinas de apoio vindas de uma completa estranha aqueceram meu coração, e o chá de camomila me pareceu um pouquinho mais doce.

Depois disso, fomos nos sentar à volta de uma mesa de madeira encerada e ela questionou sobre o que eu queria saber. Falei de você, mencionei sua morte — ela já sabia. Disse que havia

visto a publicação no seu perfil do Facebook. Vocês eram amigas de Facebook, Bel. A bruxa-que-não-parece-uma-bruxa tem Facebook. Ela comentou que não sabia que eu era sua amiga, e disse que sentia muito pela minha perda. Disse que sabia que doía muito, e que eu nunca mais seria a mesma pessoa.

Isso me impactou um pouco, Bel. Essa sinceridade. Até agora, as pessoas só tinham me dito coisas simples e formais, como “meus sentimentos”, ou elaborado frases poéticas, como “ela voltou para os braços de Deus e vai iluminar a todos nós para sempre”. De vez em quando, alguém dizia algo para me motivar, como “vai passar, a dor vai diminuir e irão restar as boas lembranças”, mas ninguém nunca havia me dito que eu nunca mais seria a mesma. Parecia uma previsão um pouco mórbida, até perversa. Mas eu não me assustei. É cansativo ficar ouvindo o tempo todo que a dor logo vai passar, sabendo que não, não vai. Essa honestidade crua me fez gostar mais dela, Bel. Comecei a entender por que você era tão fã dessa mulher, e ela não havia tirado sequer uma carta para mim ainda.

Expliquei que queria saber como você estava, se estava bem, se estava sofrendo no tal vale dos suicidas, se sequer existe um pós-morte... sabe como é. Eu já estava inebriada pela atmosfera mística, que não vinha do ambiente, como eu supus que teria vindo, mas da mulher à minha frente. E ela começou a puxar as cartas. Uma, duas, três... Cartas lindas e coloridas, com nomes poderosos escritos entre arabescos. E ela falou. *A Estrela*, ela está bem agora, está em paz finalmente, *Quatro de Espadas*, a Isabela está em um momento de descanso, ainda tentando entender o que aconteceu com ela, *O Louco*, uma nova jornada irá começar para ela no plano espiritual, é claro que existe um pós-morte, a morte nem sequer existe, somos espírito e não matéria, possuímos um corpo não uma alma. Essa carta aqui representa você e seu momento, Luísa, *A Força*, e eu não precisei nem saber o significado dela, Bel, porque a carta mostrava uma mulher com a mão enfiada na boca de um leão. E era assim que eu me sentia o tempo todo.

Então ela puxou a *Rainha de Copas*, e disse que representava você.

Começou a falar e falar sobre a carta, mas eu não me lembro de uma palavra. Dessintonizei completamente. Enquanto ela falava, eu só conseguia pensar naquela festa de halloween de 2015, a última que nós fomos antes da sua morte. Eu fui vestida de unicórnio. Você de rainha de copas, da Alice, com aquele vestido bufante cheio de corações e aquela peruca preta ridícula com uma coroinha por cima. Me lembrei das suas palavras bêbadas, entre risadas bobas e três doses de tequila, dizendo que a rainha de copas era a melhor personagem de Alice, que ela era

uma pessoa com o transtorno narcisista e não era culpa dela ser assim, que ela, no fundo, só queria que o mundo a visse. Me lembrei da gente rindo da explicação, do Victor roubando sua minúscula coroa e de você fazendo biquinho, magoada por ninguém ligar pra sua análise psicológica da rainha de copas.

Meus olhos se encheram de lágrimas. A taróloga parou de falar e me ofereceu um lençinho. Entre as lágrimas, eu continuava encarando a carta da Rainha de Copas sobre a mesa, que me encarava de volta com seus olhos de papel. Senti que era você, Bel. Era sua maneira de me dizer: “Está tudo bem. Ainda estou aqui.”

Lu

Pelotas, 05 de outubro de 2016.

Bel,

Hoje finalmente eu e o Vic conseguimos conversar. Conversa profunda mesmo, do tipo que a gente deveria ter tido há muito tempo. Ele veio aqui em casa me entregar coisas suas que ficaram na casa dele. Disse que teve um surto de dopamina por causa do TDAH e começou a arrumar a casa inteira, só pra localizar suas coisas e encaixotá-las. De início achei meio sem noção da parte dele trazer tudo pra mim, e fiquei me perguntando por que ele não foi entregá-las à dona Helena, mas aí ele me explicou que não conseguiu se forçar a ir até sua casa. Pensando bem, acho que eu também não teria conseguido.

Ele trouxe uma caixa cheia de tralhas suas. Tinha roupa das vezes em que fomos nos trocar na casa dele antes do rolê, tinha copos provenientes dos ditos rolês. Tinha um caderno do primeiro semestre que você emprestou pra ele copiar a matéria. Tinha berrões, fones de ouvido, canecas, um estojo de lápis de cor e fotografias. Notei que muitas dessas coisas eram presentes. O Vic disse que não queria ter mais nada que você tivesse dado pra ele, nem nada que lembrasse você. Achei isso frio. Eu disse que era muito radical, mas ele não quis nem saber. Acho que agora que ele saiu do entorpecimento causado pela sua morte, ele só está puto. Pediu pra eu me

livrar de todas suas coisas, mas eu vou deixá-las guardadas dentro da caixa, do jeitinho que chegaram. Tenho certeza de que em algum momento, ele vai querer tudo de volta.

Nós conversamos bastante sobre você. Nos lembramos de vários momentos. Ele chorou pra caralho, disse que tudo isso tem feito muito mal a ele, e que sabe que tem feito mal a mim. Me disse que começou a frequentar os cultos em uma igreja perto da faculdade, e que isso tem ajudado um pouco.

Ele perguntou o que eu achava de a gente dar um tempo, só até ele colocar a cabeça de volta no lugar. Bom, na verdade foi meio que uma decisão unânime. Eu estou querendo viajar em dezembro, e acho que seria bom ir sozinha. Pensar na vida, no futuro, sabe? Não sei ainda para onde vou.

Então é isso, estamos dando um tempo. Preciso me acostumar com a ideia de que, quando esse tempo acabar, estarei namorando um evangélico.

Lu

Pelotas, 17 de novembro de 2016.

Bel, um update,

O Victor me levou pra comer crepe no Laranjal. Só tinha ido lá uma vez antes disso – aquela vez em que nós três fomos naquele luau, lembra? Eu estava feliz, finalmente a gente tinha parado de brigar. Ele estava sendo simpático... até um pouco demais. Doce. Gentil. Como um prenúncio de tempestade.

Eu já sabia por que ele havia me levado lá. Sabia o que ele queria me dizer. Mas era tão bom ficar ali, comendo crepe dentro do carro com ele, assistindo às crianças andarem de patins na calçada e a lagoa com cara de mar ir e vir, devagarinho. Só queria mais um pouco daquilo. Pedi outro crepe pra adiar o momento, e ele foi buscar pra mim. “A mulher mandou mumu de brinde pra gente.” Disse ele, entrando no carro com meu crepe e uns pacotinhos de doce de leite.

“O que é mumu?”

“Mumu.” Ele atirou um pacotinho no meu colo. Eu fiquei incrédula.

“Doce de leite chama mumu? Como eu nunca soube disso?”

"É, ué. Aii, dôsdileite..." Victor repetiu em uma voz afetada, tirando uma com a minha cara, como se "doce de leite" fosse uma expressão reservada somente à alta sociedade mineira. Ele sorriu seu característico sorriso que parecia tomar o rosto todo e eu senti um nó na garganta. Estava prestes a perder aquele sorriso e eu sabia disso, Bel, mas aquilo precisava terminar logo. Eu sentia como se formigas estivessem me mordendo na nuca.

"Você quer me contar alguma coisa?"

Ele hesitou. Seu sorriso escorreu pelo rosto, como o chocolate do crepe começava a escorrer pelos meus dedos. Perdi a vontade de comer.

"Bom, é que eu pensei bastante no que tu me disse no outro dia, e acho que tu tava certa. Tô gostando da Ana mesmo".

Não é tão ruim de ouvir, me lembro de ter pensado enquanto olhava uma criança cutucar o nariz e lamber os dedos em seguida. Não faço a menor ideia de como era a criança, nem se era um menino ou uma menina. Era apenas um borrão. Tem festa hoje? Por que tá limpando o salão? Eu pensava, lembrando com carinho da minha avó. Pensa na minha avó. Pensa na criança comendo meleca. Pensa em tudo menos na Ana na Ana a Ana essa cachorra desgraçada ele era meu, filha da puta desgraçada.

"E ela? Gosta de você também?"

"Acho que sim", Victor respondeu. "Ela disse que vai me ligar no fim de semana pra gente conversar. Disse que quer me contar uma coisa." Ele parecia querer soar neutro, mas eu notei uma excitação escondida por trás das palavras. Não entendi por que ele me contou aquilo. Sociopatinha de merda. Inevitavelmente, me imaginei deitada na areia à nossa frente em posição fetal, enquanto vários Victors à minha volta me davam chutes.

É difícil lembrar quanto tempo ficamos naquele carro. Sei que comi o crepe, no fim das contas, e todos os mumus. A criança lambedora de melecas tomou uma bronca da mãe. Passou um sorveteiro e espiou pra dentro do carro, mas o Victor o dispensou com um sorriso já não tão característico. Hoje não, compramos crepes, lembro dele resmungar. Acho que eu chorei um pouco.

"Sabe, tá doendo demais escutar isso."

"Tá doendo falar também."

Uberlândia, 31 de dezembro de 2016.

Bel, esse vai ser o primeiro réveillon que eu vou passar sem você desde que a gente se conhece. Tô com os meus pais e dessa vez o Victor obviamente não está aqui, legal né? Você arruinou tudo Bel, acabou com todos nós, eu te odeio sua filha da puta por que você fez isso comigo?? Te odeio te odeio te odeio te odeio

Você nem imagina o quanto sinto sua falta. Muito mais que do Vic. Eu sei que esse imbecil tá por aí, feliz com aquela desgraçada da Ana, então tudo certo. Você eu não sei onde tá, se é que está em algum lugar, e isso me destrói todos os dias. Nem sei pra que eu tô escrevendo ainda. Me sinto uma otária.

Feliz ano novo, desgraçada.

Da sua melhor amiga pra sempre,

Lu

P.S: minha meta pra 2017 vai ser parar de xingar a puta da Ana, talvez ela não tenha culpa de ser uma vagabunda.

Pelotas, 13 de janeiro de 2017.

Bel,

Você se lembra do primeiro presente que me deu? Sei que você chutaria que foi o Funko do Freddy Krueger, mas você estaria errada, porque o primeiro presente que você me deu foi uma moedinha de um dólar.

Isso aconteceu ainda no primeiro colegial. A gente não conversava há muito tempo, só trocava ideia de vez em quando sobre as aulas. Também caímos juntas em alguns trabalhos de grupo e eu ficava feliz quando isso acontecia, porque mesmo antes de te conhecer melhor, eu gostava de você. Tá aí, acho que nunca te disse isso, né? Eu reparei em você desde o primeiro dia de aula, quando te vi sentada no fundo da sala com seu coturno que parecia estar ridiculamente abafado naquele calor de 35 graus, mas você não estava nem aí. Você parecia concentrada, lendo seu livro sobre Wicca e nem ergueu os olhos quando eu me aproximei e

murmurei um boa noite, antes de jogar minhas coisas na carteira ao seu lado. Minha cadeira era particularmente ruidosa (com a sorte que tenho, provavelmente era a pior da sala) e fez muito barulho quando eu a puxei para me sentar. Fez barulho quando eu arrastei meu corpo de volta pra frente, e enquanto eu me acomodava de um lado para o outro, tentando ficar confortável, ela continuou a fazer aquele som fininho e escandaloso de madeira esfregando no chão de concreto. Só o barulho interminável da cadeira te fez perceber minha existência. Você deu um muxoxo, ergueu a cabeça e olhou pra mim como se eu fosse um verme, então fiquei com muita vergonha e passei a aula inteira com o joelho espremido, porque não tive coragem de mover a cadeira de novo. Mas o engraçado é que não me senti incomodada com sua antipatia não tão sutil, Bel. Isso me atraiu de alguma maneira. Eu te achei estilosa, te achei interessante, e admirei a forma como você parecia estar cagando pra todo mundo à sua volta. Decidi no primeiro dia que eu queria ser sua amiga, mesmo sendo tímida demais para dar o primeiro passo. Eu sentei semanas ao seu lado sem que a gente trocasse uma palavra, porque não conseguia pensar em que tipo de assunto puxar, e você obviamente não se importava com a minha existência a ponto de puxar um assunto comigo. Mas eu ficava feliz em estar perto de você. De alguma maneira, sua presença me acalentava. Sua presença sempre me confortou, Bel, e eu nunca soube explicar o motivo. Quando você estava no mesmo ambiente que eu, era como se eu estivesse cercada por uma atmosfera quente e luminosa, que me fazia esquecer dos problemas e sentir como se a vida tivesse mais graça do que eu imaginava.

Daí começaram a colocar a gente no mesmo grupo e você foi obrigada a falar comigo. Então eu percebi que minhas suspeitas estavam certas. Eu nunca erro, Bel, não sobre as outras pessoas. Eu sempre sei logo de cara quando alguém é uma boa pessoa e quando não é, ou ao menos sei quando serão boas ou más para mim. E eu sabia que você seria boa. No começo eu só queria te impressionar, então fingi que meu silêncio era do tipo “sou foda e vocês não são dignos de muitas palavras provenientes da minha boca”, e não do tipo “não sei juntar A mais B, não sei socializar com humanos, por favor me salvem”. Não sei se colou pro resto do pessoal, mas pelo menos você parecia gostar do que eu tinha a dizer — quando tinha. Você ria dos comentários sem graça que eu fazia, e ouvia meus murmúrios que o resto das vozes sempre abafavam. Você me via, Bel.

Então, depois dos trabalhos em grupo, começamos a sair de vez em quando, só uns passeios idiotas pela faculdade. Pegar um café, comer um bolinho, buscar um livro na biblioteca, sim, claro que te acompanho até ali. E nesse dia em específico, estávamos sentadas em uma cafeteria, quando você simplesmente me entregou a moeda, como se eu estivesse esperando. Fiquei

alguns milésimos de segundo olhando para ela, tentando processar que provavelmente não era uma moeda de 50 centavos, por que você estaria me dando uma moeda de 50 centavos? Até que você disse “Trouxe pra você, é um dólar”.

Por fora eu fiz “aaah!”, mas por dentro, continuei sem entender. Meu cérebro começou a trabalhar rápido. Eu fiquei girando a moeda entre os dedos — nunca havia visto um dólar ao vivo. A águia em relevo, as estrelinhas, e eu pensava “Caraca, o que essa moeda está fazendo nesse fim de mundo? Ela é muito mais viajada do que eu”.

“É de 1979. Eu coleciono moedas”, você disse.

“Que massa!” eu respondi, sem conseguir pensar em nada melhor. Mas nesse momento a moeda se tornou menos interessante, e você se tornou mais. Quem diabos coleciona moedas, Bel? Eu fiquei olhando pra sua cara, enquanto você listava as moedas diferentes que já tinha, e me contava como havia conseguido essa (não lembro de nada que você disse). Fiquei olhando pra você e tentando te imaginar em casa, entrando em uma sala oculta atrás de uma porta secreta disfarçada de biblioteca. Te imaginei desligando a proteção dos lasers e, ao fim da grande sala oculta, tirando da parede seus quadros de vidro contendo suas moedas perfeitamente organizadas. Te imaginei abrindo um dos quadros e tendo o trabalho de desfalcar sua coleção, por mim. Logo por mim. Visualizei você remontando o quadro desfalcado e o pendurando novamente na parede, com um suspiro resignado, mas satisfeita por dividir um pedaço de você comigo, sua futura melhor amiga.

“Como você organiza sua coleção?”, eu perguntei, te interrompendo. “Por país? Por data?”

“Não organizo, tá tudo num saco”, você respondeu, destruindo meus sonhos.

Voltei a girar a moeda nos dedos. “Trouxe pra mim mesmo? É presente?”, só pra confirmar, né, já que eu preciso ter certeza de que todas as coisas legais que as pessoas fazem por mim são intencionais. Você confirmou e isso me fez sentir muito especial. Talvez você não tivesse realmente uma sala secreta para dispor sua coleção, mas ainda assim, você escolheu dividir um pedacinho seu comigo naquele dia, me deu um voto de confiança e abriu as portas da nossa amizade. Eu cheguei em casa e pesquisei *easy coin trick* no YouTube, porque queria aprender algumas manobras com moedas, tipo aquelas coisas de ficar passando a moeda de um lado para o outro da mão só usando os nós dos dedos. Isso te impressionaria. No começo apareceram somente truques de magia, e esses eram muito infantis. Eu já podia ver sua cara de arrependimento caso eu treinasse um desses para te mostrar. Mas, no fim das contas, encontrei

um tutorial básico ensinando exatamente o que eu buscava. Era estupidamente difícil, então eu só testei um pouco naquele dia (sem sucesso), e passei a treinar alguns minutos nos dias subsequentes. Eu não tinha pressa, é claro. E depois de muito treino, aprendi. Mas não tive tempo para te mostrar.

Eu havia guardado a moeda que você me deu na minha caixinha de lembranças especiais, no fundo do armário. Mas depois que você se foi, tirei ela de lá, e agora ela tem um lugar cativo na minha carteira. De vez em quando, eu a pego sem motivo e a giro entre as mãos. Conto as estrelinhas. Passo os dedos sobre a águia em relevo. Segurá-la me acalma, e me faz sentir que você ainda está aqui.

Agora que você se foi, a sensação quente e luminosa da sua presença se perdeu. Eu nunca mais consegui sentir isso da mesma maneira — mas quando me permito te recordar, quando chego perto das suas coisas, quando converso sobre você com as pessoas, ainda sinto vislumbres daquela sensação calorosa, como uma memória muscular. Você não está mais aqui, mas as lembranças estão. Suas pegadas estão. A moeda de 1979 está.

Lu

Pelotas, 02 de fevereiro de 2017.

Isa,

Eu voltei na sua taróloga mais algumas vezes. É, eu sei que você deve estar rindo de mim. Até fiz um minicurso que ela promoveu. Me senti compelida a fazer depois daquele lance da Rainha de Copas. Eu queria entender um pouco mais.

O curso era sobre numerologia. Pra ser bem sincera, eu não gostei tanto, me pareceu uma certa forçada de barra na maior parte do tempo. Mas é inegável que tivemos alguns exercícios interessantes. Em um deles, a gente deveria verificar nomes próprios dentro da numerologia, para descobrir quais nomes eram bons ou ruins. Ela explicou um monte sobre como ter um nome “ruim” pode afetar todas as áreas da sua vida, que as vezes as pessoas parecem ser inexplicavelmente azaradas ou sortudas, e isso pode ter algo a ver com o nome delas. Baboseira, né? Pois é, eu também achei. Só que estava testando alguns nomes, afinal, precisava fazer o

exercício. Testei o meu, o do Victor, o da minha mãe... Aí cheguei no seu. E descobri que, segundo a numerologia, o nome “Bel” é terrível, sujeito aos mais diversos infortúnios.

Bem, fiquei um pouco assustada com a informação, e fui verificar alternativas para o seu nome. Descobri que, ao contrário de “Bel”, “Isabela” é um nome excelente, de pura sorte. “Isa” também. “Bela” também.

É engraçado né? Por que é que você sempre quis ser chamada de Bel a vida inteira? Esse nem é o apelido mais óbvio para Isabela.

Será que seu destino teria sido diferente se sempre tivéssemos te tratado por Isa? Ou Bela? Será que se você fosse somente uma Isabela, e nunca uma Bel, você estaria aqui comigo, tentando me convencer que essa história de numerologia é real enquanto eu ria, dizendo que é tudo uma grande picaretagem? Ou será que essa é só mais uma das mil explicações que eu continuo tentando encontrar pra justificar sua partida, para torná-la só um pouquinho menos absurda?

Será que, se eu descobrisse que o problema sempre foi seu apelido, sua perda seria mais fácil de suportar?

Acho que não.

Lu

P.S: chega de misticismo para mim por um tempo.

Tarde

Porto Alegre, 18 de janeiro de 2041.

Bel,

Acabei de encontrar essa caixa com as cartas. Isso é inacreditável. Eu não pensava nelas há anos.

Que saudades, amiga. Meu coração está apertado, mas ao mesmo tempo, me sinto completamente abraçada. Reler essas cartas me faz sentir como se a gente tivesse se reencontrado — depois de tantos anos, de tanta vida. Até da morte.

Acabamos de nos mudar para um apartamento no centro histórico. Eu estava filmando no Nordeste na semana da mudança, então os irmãos do Vic que ajudaram a embalar todas nossas coisas. Só agora, que estou desembalando tudo, é que redescobri essas cartas — eu nem sei onde elas estavam na casa antiga, é um milagre que ninguém nunca tenha jogado fora. Me sinto tão pertinho de você nesse momento... Quase posso sentir seu cheiro à minha volta, na nossa cozinha semipintada.

Acho que voltarei a te escrever. Me desculpe por te deixar de lado todos esses anos. Mas garanto, embora eu não tenha escrito ultimamente, nem uma semana se passou sem que eu tenha me lembrado de você. Você está em toda parte.

Lu

Porto Alegre, 21 de janeiro de 2041.

Bel,

A vida mudou tanto desde que você se foi — eu mudei. Nós nos mudamos, eu e o Victor, de forma literal e figurada. Vivemos em lugares diferentes ao longo de todos esses anos, mas também transformamos um ao outro através do casamento. Você odiaria o casamento, Bel. São concessões, todos os dias. É ceder, e encontrar a outra pessoa sempre no meio do caminho. Para mim, é como andar em uma corda bamba. Um constante equilíbrio, tentando manter tudo em ordem. Nossos sonhos, nossos desejos, nossos medos, nossas vontades, nossos traumas, e quando digo “nossos”, me refiro aos meus, aos do Victor e aos que temos em comum. É impossível, Bel. E ao mesmo tempo, é tão fácil. É complicado, mas é fácil. Às vezes, no meio do caos da rotina, eu olho para ele, ele me olha de volta, e é como se nossas almas se cruzassem nesses breves instantes do olhar. Como se o peso da existência flutuasse à nossa frente por um momento, e eu pudesse ver nos olhos dele que ele compreende tudo. Só naquele pequeno segundo, nós dois entendemos os segredos do universo, e entendemos profundamente um ao outro. Depois a gente pisca, toda a compreensão desaparece, e voltamos a caminhar juntos na corda bamba.

Tive duas filhas, Bel. Cecília está prestes a completar quinze anos, a mesma idade que eu e você tínhamos quando nos conhecemos. Ela é muito diferente do que nós éramos — é o tipo de garota popular que tentávamos evitar na nossa época. Ela é engraçada, extrovertida, de riso fácil, mas embora tenha muitas colegas à sua volta, não tem uma melhor amiga ainda. Ela sempre está andando com alguém diferente, e isso me preocupa um pouco. Eu gostaria que ela tivesse uma amiga próxima, uma irmã da mesma idade, como nós duas éramos. Será que irá aparecer uma Bel na vida dela? Eu espero que sim. E espero que ela permaneça.

E por falar em Bel, minha segunda filha leva o seu nome. Sim, eu fiz isso. Não sei se você merecia, escrever por anos a fio para o além em um caderno é uma coisa, mas um nome... bem, esse será o nome dela para sempre. Não sei se você merecia, mas foi uma decisão conjunta entre o Victor e eu. Isso nem passou pela nossa cabeça quando fiquei grávida da Cecília, mas desde o início da gestação da Isa, nós soubemos que esse seria o nome dela. Foi um desses momentos em que trocamos olhares e entendemos, sem precisar trocar palavra. É como se ela já tivesse vindo com o nome.

Ela está hoje com nove anos, e me lembra um pouco você, Bel. Mas ela me lembra a mim, na maior parte das vezes. Muito diferente da irmã, a Isa é calada, tímida, e excepcionalmente gentil. Já contamos para a Cecília que ela foi batizada em homenagem à avó do Victor, mas um dia, Bel, quando a Isa puder entender melhor, vou contar a ela por que ela leva o seu nome. Vou contar tudo sobre você, incluindo as partes escuras, mas principalmente, falarei sobre sua índole. Contarei a ela quantas vezes fui salva pela nossa amizade, e farei com que ela tenha orgulho do próprio nome. Você também teria orgulho dela, Bel.

Lu

Porto Alegre, 06 de maio de 2041.

Bel,

A coisa mais inacreditável-absolutamente-surpreendente aconteceu. Minha agente recebeu uma mensagem da assessoria de Stefânia Tavares. É claro que você não poderia saber quem ela é, pois ela apareceu na mídia mais ou menos uns dois anos após sua morte. Mas é uma das minhas atrizes brasileiras favoritas – do tipo que só faz filmes bem avaliados pela crítica. Parece

que ela escolhe a dedo as produções. Eu adoro o trabalho dela, mas nunca poderia nem sonhar em trabalhar com ela. Eu não valho tanto assim.

Pois bem, adivinhe só: parece que ela foi dar uma palestra em Pelotas, e o professor Cosme (sim, ele ainda está vivo) mencionou de passagem o nosso roteiro de Flores de Ferro. Não tenho ideia do motivo, mas ele deve ter feito um belo *pitching*, porque ela ficou interessadíssima em ler o roteiro, e após a leitura, mais interessada ainda em produzir o filme. E estrelar nele.

Stefânia Tavares, cem mil vezes mais famosa que eu, quer produzir o meu filme. Bem, o nosso filme. E ela gostaria que eu o dirigisse — na verdade, ela quer dividir os direitos do filme comigo. Já fiz uma chamada com a assessora, mas vou me encontrar pessoalmente com a Stefânia na semana que vem para discutir os pormenores.

Stefânia Tavares vai interpretar o papel que deveria ter sido seu. Você não tem noção do que isso significa, né Bel? Essa é a nossa história, sua história. E ela pode ganhar o país.

O Brasil vai te conhecer, Bel. Vou me certificar disso.

Lu

Porto Alegre, 11 de março de 2042.

Bel,

Estou escrevendo depois de algum tempo pois hoje sua mãe se foi. Fiquei sabendo pela minha mãe, que me ligou na hora do almoço perguntando se eu “sabia da última”. Parece que a faxineira a encontrou na poltrona, já morta há algumas horas. Quando a viu, a faxineira pensou que ela estava dormindo.

Fazia vários anos que eu não via sua mãe. Me arrependo um pouco disso. Da última vez em que a vi, estava morando de volta em Uberlândia. Nós nos cruzamos no mercado, eu estava com a Cecília. A Isa estava na escolinha. Dois anos na época, e já indo pra escolinha. Foi ideia do Victor, eu desaprovei de início, mas ao menos me deu um pouco mais de tempo para trabalhar. Talvez eu não teria conseguido lançar *Flores*, se não fosse assim. De toda forma, sua mãe me reconheceu, e passou a conhecer a Cecília. Ela estava tão velhinha... mas estava saudável. Conteí sobre a homenagem que fiz a você quando batizamos a Isa, ela pareceu emocionada, e disse que gostaria de conhecer minha segunda filha, para que nós a levássemos na casa dela. Nunca o fizemos, Bel.

Ela me confessou que todos os dias, mais ou menos na hora do jantar, se sentava na poltrona da sala com uma xícara de chá para pensar em você. Disse que era a maneira de te manter por perto e se manter sã, e fazia isso religiosamente desde sua partida.

Você consegue imaginar essa lealdade? Já faz quase vinte anos que você se foi. É como se ela não quisesse amenizar a dor. Se é que essa dor pode ser amenizada. Entendo a rejeição da sua mãe diante do seu fim. Lembrar você foi o jeito que ela criou para ignorar esse fim, torná-lo apenas uma ilusão do universo, como se a real verdade fosse o fato de você estar ali presente, não em corpo, mas em alma. Parar todos os dias, não importa o que ela estivesse fazendo ou o quão atribulado tivesse sido o dia, para lembrar de você, é uma maneira de driblar a morte. Quem disse que você se foi? Eu também dou o meu jeito, ou não estaria aqui, escrevendo para uma pessoa morta depois de todos esses anos.

Eu espero que estejamos certas, Bel. Espero que os artifícios que usamos contra o destino ao longo dos anos para desacreditar na sua morte não tenham sido em vão, e você esteja aí, aqui, em qualquer lugar! Mas por favor, esteja... por favor, seja ainda, seja qualquer coisa além de pó. Me pergunto se sua mãe também está sendo algo. Será que vocês estão juntas, finalmente? Se for o caso, mande um abraço muito apertado para a tia Helena por mim, por favor. Diga que sinto muito por não ter levado a Isa para conhecê-la.

Minha mãe não deu outros detalhes sobre o acontecido, acho que era tudo que ela sabia. Mas se eu tivesse que apostar, diria que quando a faxineira encontrou sua mãe, havia uma xícara de chá frio ao lado dela.

Lu

Noite

Porto Alegre, 19 de abril de 2072.

Querida Bel,

Sou eu, minha amiga... Luísa. Que doce surpresa redescobrir essas cartas depois de tanto tempo. Pensei que há muito as havia perdido. Quanta coisa aconteceu desde a última vez em

que nos falamos. Enquanto escrevo, as lembranças retornam em turbilhão na minha mente e sua presença passa em flashes luminosos diante dos meus olhos. Você foi duas Isabelas em minha vida. A primeira, minha gentil amiga que foi embora aos vinte e dois, por um ridículo tropeço do universo, um descuido do destino que achou que seria de bom tom levar desse plano a pessoa mais amável que já pisou nessa Terra. Quisera eu ser capaz de trazê-la de volta, querida amiga, eu viajaria até a Lua se fosse preciso, desafiaria o próprio Ser Divino, declararia guerra contra as Moiras, uma luta silenciosa entre quatro velhas, até que admitissem o engano e costurassem de volta sua vida quebrada. Mas há muito entendi, Bel, que o culpado não foi Deus, nem as Moiras, nem o destino, nem mesmo você; e por mais que eu tenha culpado o mundo por ser sujo demais, ruim demais para ser seu, sei que nem mesmo o mundo mais utópico teria o poder de te fazer ficar — algumas coisas simplesmente são. Você veio, permaneceu o seu tempo, e como uma folha que se desprende da árvore e é levada pelos ventos de outono, assim você se foi, plácida, calma, e a vida ao redor seguiu. Mas nenhuma folha que nasceu desde então foi igual àquela.

Minha segunda Isabela foi minha confidente desde o momento em que você se foi. E é para ela que sempre escrevi, e agora voltarei a escrever. Posso apenas imaginar o que minha primeira Isabela responderia, e assim o fiz, escrevendo ao léu para o silêncio, tentando desvendar os segredos da vida e da morte nas entrelinhas das minhas próprias palavras, lutando para captar um sinal seu. Mas nada nunca foi óbvio. Minha relação com essa segunda Isabela, você, é diferente; você não fala, não opina. Você nunca partirá — estará aqui, sempre à minha espera, mesmo quando eu penso tê-la perdido. Estará presente mesmo depois que eu me for.

Há também, é claro, uma terceira Isabela, e essa não se relaciona diretamente com a sua memória, embora leve seu nome e muito da sua doçura. Minha caçula mora nos Estados Unidos com a família, e já está quase chegando nos quarenta. Ela tem três filhos, Lyra de doze anos, Nathan de nove e a pequena Amelia de três. Eu tenho netos, Bel. Você consegue imaginar algo assim? Vivi para ter netos. Logo eu.

Sou avó de quatro, Bel. Pois Cecília, minha filha mais velha, tornou-se mãe há alguns anos também. Ela e a esposa tiveram um lindo garotinho que se chama Bento. Eles moram perto de nós, e vem almoçar em casa todos os sábados. Victor também continua aqui, embora sua memória já não seja mais a mesma. Estamos pensando em nos mudar de vez para a fazenda, a cidade tornou-se muito caótica e confusa para nós. Veremos.

Tanta coisa, tanta coisa para dizer, Bel. E ao mesmo tempo, nada a ser dito. O que confidenciar à ausência?

Se lembra quando nós conversávamos sobre nossa velhice? Dizíamos que seríamos duas velhinhas tatuadas em uma casa de repouso, planejaríamos festas com os outros velhos em segredo e roubaríamos bebida da cozinha dos funcionários pela noite. Lembra-se, Bel? Tento recordar a imagem do seu rosto e não consigo... mas me lembro do som cristalino da sua risada diante dos nossos planos para o futuro distante.

Bem, esse futuro chegou, embora, contrariando o esperado, eu não esteja em uma casa de repouso. Aqui estou eu, no nosso futuro, meu presente, seu passado. Com minhas tatuagens, minha família e alguma bebida escondida no armário, mas sem seus olhos de corça que perdurariam mesmo na velhice, sem suas mãos apertando as minhas, suas mãos que estariam tão salpicadas de manchas de sol, resultado das muitas férias que tiraríamos na Califórnia, da sua sempre presente recusa em usar o protetor solar. Eu te provocaria para que comparássemos as manchas de nossas mãos e você diria nada disso, vamos contar quem tem mais rugas no rosto. Eu diria o quanto é injusto, já que tenho rugas perto dos olhos desde os vinte e poucos, e você riria novamente aquela risada cristalina, essa sim se fazendo presente e inesquecível, reverberando do passado até meus ouvidos, à minha volta nesse exato momento.

Lu

Porto Alegre, 04 de setembro de 2075

Bel,

Victor foi embora. Victor se foi, e só consigo me lembrar daquele estúpido jogo que eu jogava quando criança. Resta Um é o nome. Não me recordo como era, não tenho ideia de como se joga. Mas o nome dele está na minha cabeça. Resta Um. Você se foi. Resta Um. Victor também. Resta Um.

Eu queria manipular o tempo, Bel. Queria dobrá-lo à minha vontade, voltar ao passado, modificá-lo, reviver tudo. Pular sua ausência. Alterar o presente e morar nele. Repetir mil vezes meus beijos com o Victor. Mil vezes sua risada de cristal.

Eu queria pegar o tempo com a ponta dos dedos e desfiá-lo por completo, mas hoje meus dedos são frágeis, a pele fina como papel. E o tempo corta tão fundo. Eu não poderia segurá-lo nesses dedos.

Resta Só Um.

Lu

Uberlândia, 03 de julho de 2079.

Bel,

Voltei para casa para um funeral. Minha prima mais nova, Larissa, se foi. Você chegou a conhecê-la.

Interessante o conceito de casa, não é? Na verdade, Uberlândia não tem sido minha casa há mais de 60 anos, quando nós duas nos mudamos para o sul. E eu já não volto para cá há tanto tempo... as visitas foram se tornando mais raras com o passar dos anos. Depois que meus pais faleceram, elas perderam quase completamente o sentido. Mesmo antes da Larissa partir, não havia mais ninguém para mim nessa cidade que tivesse estado aqui quando eu nasci. Chamo esses de família velha. Agora, só há um pouco da família nova. Primos de segundo grau mais jovens, sobrinhos, sobrinhos-netos...

Mas ainda chamo esse lugar de casa. Estranho. Acho que a cidade onde a gente nasce sempre guarda um pedacinho de nós, aquele primeiro, o mais inocente. Creio que seja impossível levá-lo conosco para outro lugar, pois ao partir da nossa cidade natal, deixar nossa família para trás, a cidade onde crescemos, nós deixamos, de fato, parte de nós. Deixamos um pouco da inocência.

É claro que, estando aqui, fiz questão de visitar o parque do Sabiá. Ele não é mais como já foi, Bel. Agora é cercado por muros altíssimos, cinzentos, e o verde nem pode ser visto do lado de fora. Você odiaria. Penso que você odiaria boa parte do que o mundo se tornou. Mas, aqui dentro, embora o parque claramente tenha passado por inúmeras reformas desde a última vez em que estive aqui, algo do passado permanece.

As trilhas de pedra estão intactas. Ainda é possível caminhar por toda sua extensão, se embrenhar na mata fundo o suficiente a ponto de esquecer que estamos no meio da civilização.

Não há mais animais, entretanto — todas as jaulas se tornaram estufas e hortas, o que não foi uma troca ruim.

O lago também está aqui. Sobreviveu de forma artificial, é claro. Não sei o que fizeram para mantê-lo cheio e limpo todos esses anos, mas fico feliz que seja o caso.

Me sentei à beira do lago e me lembrei de todas as vezes em que estivemos aqui. Quando viemos matar aula no segundo colegial e você ficou jogando pedrinhas no lago, enquanto eu alimentava os peixes com seu lanche de presunto. Da primeira vez em que trouxe o Victor para Uberlândia, e nós três viemos fumar maconha no parque antes do show do Angra. Foi nesse dia, completamente chapados, que começamos a pensar no nosso roteiro, e você deu a ideia de fazer aquela escultura da mulher com a cabeça aberta. Nós usaríamos barras finas de ferro para montar flores que supostamente brotariam de seu cérebro. “É o florescer das ideias”, disse você, e eu e o Victor ríamos sem parar e sem motivo.

Lembrei de quando estávamos aqui, de férias, e nós duas viemos tirar umas fotos em câmera analógica, pensando em revelá-las no estúdio de fotografia da faculdade quando o semestre começasse. Naquele dia começou a chover horrores, todas nossas fotos ficaram terríveis. Eu fiquei zangada, mas você me chamou para tomar um banho de chuva. Ficamos dançando sob a tempestade, cantando alto, até um segurança do parque nos expulsar. A câmera estragou, mas saímos gargalhando. Essa foi a última vez em que viemos, as duas, aqui. Depois, não havia mais você.

Lembrei de tanta coisa, Bel... e confesso, chorei um pouco. Há muito tempo eu não chorava por você. Não sei se foi saudade. Também não consegui sentir tristeza. Foi um choro bom, como se houvesse somente beleza no lago envolto por memórias. O sol poente tingiu a água de dourado, espalhando seus raios em todas as direções, e diante dessa luminosidade, não houve espaço em meu choro para dor. Não houve espaço para as sombras.

Continuei a pensar em você ao olhar para a luz brilhando no lago. Também pensei no Vic. Sol e chuva, morte e vida. Desolação e esperança e a dança do tempo, nos carregando de um lugar para outro, irrefreável e absoluto. Olhei para o lado e quase pude ver vocês ali, Bel. O Vic cantando Angra, todo desafinado, você jogando pedrinhas no lago, o passado soprando carinhosamente nas feridas que o tempo cuidou de curar. São apenas cicatrizes.

4 PÓS-CRÉDITOS

Sei que a Morte continuará presente até o fim da minha vida. Rindo à minha volta, brincando de esconder. Se eu tiver sorte, ela levará aos poucos as pessoas à minha volta, até que a ausência daqueles que amo me faça aguardá-la ansiosamente. (Isso realmente me faz repensar o conceito de sorte.)

Algo do pânico também permanecerá comigo, pois os dois conceitos são parentes para mim. Nas piores fases, provavelmente serei levada a novas e dolorosas crises, mas agora eu já estou quase pegando meu doutorado em crises de pânico. Ele não vai me matar. Em fases mais tranquilas, prevejo o pânico se manifestando sutilmente, quase poético, apenas um escutar mais atento dos batimentos cardíacos daqueles que amo. Só para garantir.

Embora preocupações exacerbadas continuem me assolando, aos poucos entendi que não posso desperdiçar minha vida com elas. Será que meu namorado vai ter um mal súbito e parar de respirar no meio da noite? Será que se ele pegar Covid-19, vai ficar bem? E quando eu perder minha mãe, o que vai ser de mim? O que eu posso fazer para tentar garantir, o máximo que eu puder, algum controle sobre minha vida e a daqueles que quero bem?

A resposta é: nada. Planejamentos, por mais roteirizados que estejam, não passam de ilusões, e a vida não nos deve nada. Então no que diz respeito ao meu filme, para o inferno com os roteiros. Me recuso a ficar sentada na sala do cinema, aflita, com medo do que pode acontecer. Quero atuar e recuperar meu protagonismo, abraçando meus demônios e aceitando de braços abertos os inevitáveis créditos finais.

E, nos dias de mais angústia, quando a vida parecer uma completa futilidade diante da finitude, basta lembrar da máxima que aprendi há muitos anos, quando, contrariando a hierarquia, meu irmão triunfava sobre a decisão de qual filme assistiríamos na TV: às vezes, o controle simplesmente não está em nossas mãos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Traduzido por: Luíza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ASSOCIATION, American Psychiatric. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)**, Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2003.

CARRASCOZA, João Anzanello. **A pele da terra**. São Paulo: Alfaguara, 2017.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Caderno de um ausente**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Menina escrevendo com o pai**. São Paulo: Alfaguara, 2017.

FOLLOWS It. Direção e roteiro: David Robert Mitchell. Produção: Rebecca Green; Laura D. Smith; David Kaplan; Erik Rommesmo; Intérpretes: Maika Monroe, Keir Gilchrist e outros. Música: Disasterpeace. Estados Unidos: Northern Lights Films, 2014. 1 DVD (100 min). Versão do título em português: Corrente do Mal.

LINDSAY, Christopher John. **The dangers of casual sex: it follows**. [s. l.], 1 jan. 2017. Disponível em: <https://christopherjohnlindsay.com/2017/01/01/it-follows-2014>. Acesso em: 20 out. 2023.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Traduzido por: João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Mem Martins: Publicações Europa-America, 1970.

RESTLESS. Direção e produção: Gus Van Sant. Produção: Bryce Dallas Howard, Ron Howard, Brian Grazer. Intérpretes: Henry Hopper; Mia Wasikowska; Ryō Kase e outros. Roteiro: Jason Lew. Fotografia de Harris Savides. Estados Unidos: Sony Pictures, 2011. 1 DVD (91 min). Versão do título em português: Inquietos.

RUBEL. **Partilhar**. São Paulo: Tratore, 2018. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6O6qYUHbLjT0kGHm5rfp95?si=771984a83bc24e78>. Acesso em: 15 nov. 2023.

RUDGE, Ana Maria. **Trauma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SCREAM. Direção: Wes Craven. Produção: Cathy Konrad; Cary Woods. Intérpretes: Neve Campbell; David Arquette; Courteney Cox e outros. Roteiro: Kevin Williamson. Fotografia: Mark Irwin. Estados Unidos: Woods Entertainment, 1996. 1 DVD (111 min). Versão do título em português: Pânico.

TOLSTÓI, Liev. **A morte de Ivan Ilitch**. Traduzido por: Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2009.

TROY. Direção e produção: Wolfgang Petersen. Produção: Diana Rathbun; Colin Wilson. Intérpretes: Brad Pitt; Eric Bana; Orlando Bloom; Diane Kruger; Peter O'Toole e outros. Roteiro: David Benioff. Música: James Horner. Estados Unidos: Warner Bros Pictures, 2004. 1 DVD (163 min). Baseado na Ilíada, de Homero. Versão do título em português: Troia.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br